

PAOLO FABRIZI

RENASCIDO PELA TERCEIRA VEZ

História de uma cura de câncer



ICSFA

PAOLO FABRIZI

**RENASCIDO
PELA TERCEIRA VEZ**

História de uma cura de câncer

ICSFA 2020

ICSFA Editora
Província São Francisco de Assis no Brasil
Av. Juca Batista, 330
Ipanema
91770-000 – Porto Alegre – RS
CNPJ: 35.332.968/0001-08

Editores: Frei Arno Frelich, OFM

Frei João Carlos Karling, OFM

Tradução: Fr. Pedro Tarelli, OFM

Revisão: Fr. Romano Zago, OFM (Dorvalino Zago) e Frei Arno Frelich, OFM

Titolo originale: Rinato per la terza Volta

Autore: Paolo Fabrizio

Copyright©2019 Paolo Fabrizio

Prima edizione: dicembre 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F129r-P Fabrizio, Paolo

Renascido pela terceira vez : história de uma cura de câncer
[recurso eletrônico]. / Paolo Fabrizio ; tradução de Pedro Tarelli. –
1. ed. – Porto Alegre: ICSFA, 2020.

Il. : color.

111 p.

ISBN 978-65-88060-05-6.

Disponível em: <<https://www.franciscanos-rs.org.br/ebook-renascido3vez>>.

Título original: Rinato per la terza Volta.

1. Espiritualidade. 2. Cura. 3. Câncer. 4. Saúde. I. Tarelli, Pedro
(trad.). II. Título.

CDU 615.2

Bibliotecária responsável: Andréa Fontoura da Silva – CRB10/1416

*Ao meu pai,
que me ensinou a viver e a lutar.*

E a todas as pessoas que, como ele, enfrentam diariamente a luta contra o câncer.

*Se estivéssemos aptos de
fornecer a cada um a justa medida de
alimento e exercício físico, nem menos
nem mais, teríamos encontrado o
caminho da saúde.*

Hipócrates

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	9
APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA	13
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 UM TUMOR INCURÁVEL	16
1.1 A descoberta da doença.....	16
1.2 O diagnóstico sem esperança	18
1.3 O segundo parecer médico	20
CAPÍTULO 2 OS TRATAMENTOS ALTERNATIVOS	24
2.1 O Óleo de Lourenço	24
2.2 O mundo das terapias alternativas	27
2.3 Os remédios naturais	29
CAPÍTULO 3 A BABOSA.....	32
3.1 As propriedades da babosa.....	32
3.2 O remédio do Padre Zago	35
3.3 Como preparar o remédio à base da babosa.....	38
CAPÍTULO 4 ALIMENTAÇÃO E TUMOR.....	44
4.1 A mudança do regime alimentar.....	44
4.2 O método da doutora Catherine Kousmine.....	47
4.3 As recaídas psicológicas positivas de uma vida mais sadia	50
CAPÍTULO 5 OS EFEITOS DA TERAPIA.....	54
5.1 Os primeiros resultados desde o início da terapia.....	54
5.2 A babosa e a pesquisa científica	57
5.2.1 O Aloé Emodina: a molécula antitumoral natural .	59

5.2.2 A pesquisa do Professor Paulo Lissoni	60
5.3 A hipótese da intervenção cirúrgica	61
5.4 A escolha definitiva entre a medicina tradicional e as terapias alternativas.....	64
CAPÍTULO 6 O ESTILO DE VIDA.....	72
6.1 A influência dos estilos de vida sobre o tumor	72
6.2 A pesquisa do Professor Franco Berrino	76
6.3 A importância da água com resíduo fixo muito baixo ..	79
6.4 Um testemunho encorajador sobre a babosa	81
CAPÍTULO 7 A REGRESSÃO DO TUMOR	84
7.1 Os surpreendentes resultados dos exames	84
7.2 As dificuldades da pesquisa científica.....	87
7.3 Os resultados contrastantes dos exames	91
7.3.1 O bioscanner	93
7.4 Uma recuperação inesperada	95
7.5 Tumor necrosado	100
CONCLUSÃO	104
LUTAR	108

PREFÁCIO

No dia 1º de agosto do corrente ano recebo, pelo correio, um pacote procedente de Roma. Seu conteúdo? Um livro. Seu título? **“Rinato per la Terza Volta”**. Seu autor? Paolo Fabrizi. Subtítulo do livro: **“História de uma cura de câncer”**.

Livro é boa sugestão para presente. Para mim, porém, **“Rinato per la Terza Volta”** tem sabor particular. Guardá-lo-ei com muito carinho na estante e mostrá-lo-ei aos amigos com ufania.

Paolo teve a gentileza de redigir uma dedicatória cuja leitura me deixa emocionado, dedicatória que traduzi para torná-la acessível a todos os leitores de língua portuguesa:

“Roma 23-02-2020

Salve, Padre Romano Zago

Faz algum tempo conversamos por telefone. Queria agradecer por ter divulgado esta receita à base de babosa, que salvou a vida de meu pai e por isso ser-lhe-ei grato pelo resto da vida.

Neste livro descrevi o percurso que fizemos. Espero que compreenda o valor de sua receita. Espero um dia poder agradecer-lhe pessoalmente.

Com grandíssimo afeto,

Paolo Fabrizi”.

Em março de 2011, Paolo descobre que seu pai estava tomado por massa tumoral de 9,5 centímetros no fígado, além de outras formações menores.

Antônio Fabrizi, senhor de 72 anos, diabético, com cirrose hepática, cardiopatia (usa marcapasso) e síndrome metabólica, indicava que tal estado de saúde complicava qualquer diagnóstico. Diante de tal quadro clínico, a conclusão do médico era a de não aplicar qualquer terapia em tal paciente. Além do mais, a idade coloca Antônio no rol de pessoas de alto risco.

Paolo começa então longa via-sacra de um hospital a outro, de Pilatos a Herodes, na tentativa de encontrar corajoso profissional de saúde que aceitasse correr o risco de submeter Antônio à cirurgia, seguida de outras terapias (radioterapia e quimioterapia). É o que a Medicina convencional oferece a pessoas que se defrontam com problemas da natureza que atingia seu pai. Os médicos consultados, na sua unanimidade, afirmavam que submetê-lo aos tratamentos tradicionais era fazê-lo sofrer inutilmente no fim da vida.

Fechadas as portas da Medicina oficial, era inconcebível que a Providência não lhes abrisse a janelinha da esperança, por exemplo, através da Medicina alternativa. Assim sendo, o paciente e seu filho chegaram à receita de babosa, mel e cachaça (ou grappa, ou conhaque ou uísque ou vodka ou tequila ou araque), isto é, bebida destilada (não bebida fermentada), todos componentes absolutamente naturais. Foram tomadas atitudes para chegar a confeccionar a receita, receita que Antônio consumia com agrado, apesar do sabor um tanto amargo.

Além da receita acima citada, Paolo, através de suas pesquisas, convenceu-se da importância de adequado regime alimentar.

Depois de meses de controle alimentar e receita, chega a data dos exames de rotina. O resultado deixa embasbacados

os próprios profissionais da saúde. Não era possível acreditar que aquela massa tumoral de 9,5 ficasse reduzida a apenas 3,5 centímetros. A caverna de mais de nove centímetros ficara reduzida a três. Resultado estupendo, porém, verdadeiro!

Paolo passa noites diante da tela do computador e chega às pesquisas realizadas pela Universidade de Pádua e pelas do Professor Paolo Lissoni no Hospital São Geraldo, de Monza, que conferem foro científico à receita brasileira.

As experiências realizadas pela equipe de cientistas de Pádua demonstraram que a babosa é portadora da molécula natural com capacidade antitumoral. Tais experiências chegaram a demonstrar que a babosa tem condições de não somente reduzir a morte programada das células tumorais, mas desenvolve sua ação atingindo e aniquilando só as células tumorais, deixando íntegras as demais células, restaurando-as e reforçando-as.

Como pode a Medicina oficial permitir o uso da rádio e da quimioterapia, as quais, se matam as células tumorais, atacam de morte as sadias? As próximas gerações ficarão sem entender como tal prática continuou generalizada por tanto tempo. Por que não se bandearam para a receita da babosa? O lucro explica!

Diante de resultados tão positivos, a família deu por encerrada a hipótese pelo tratamento convencional (cirurgia, rádio e quimioterapia). Os médicos, porém, ante a recuperação surpreendente do Sr. Antônio, agora prontificavam-se a usar o bisturi... e queriam que o procedimento não fosse adiado por muito tempo.

A família, enfim, decidiu continuar com a receita e a boa alimentação. Depois de exames diversos, animado pela palavra da médica, que constatou a necrose do tumor principal, o Sr. Antônio cantou vitória, proferindo a frase que deu título ao

livro: *Sono "Rinato per la Terza Volta"*. Ria de satisfação. Estava livre de um rochedo pesado. E seguiram-se abraços.

Comemoração compreensível, mais que merecida.

Porto Alegre, 28/09/2020.

Frei Romano Zago, OFM

APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

INTRODUÇÃO

*Não podemos pretender que as coisas mudem se continuamos a fazer as mesmas coisas.
Albert Einstein*

A palavra câncer evoca só dor e sofrimento, seja físico que moral. Contudo, os doentes de tumor são frequentemente protagonistas de duras batalhas contra a doença, que podem chegar também a uma vitória.

O final mais triste não está destinado a sempre e de qualquer forma acontecer, porque o câncer pode ser derrotado. Justamente meu pai é o exemplo vivo de um homem que sobreviveu à sua doença. A sua história é a demonstração de como se pode sair vencedor de um diagnóstico sem esperança, chegando a “matar” literalmente o mal que corre o risco de privar-te do bem mais precioso.

Decidi escrever este livro para narrar a difícil luta de meu pai contra o câncer, também porque não se tratou de uma luta entre a medicina oficial e a doença. Para ele, de fato, não existiam terapias para serem adotadas, e a única possibilidade era esperar que a doença completasse o seu curso.

O seu caso é o exemplo de uma luta entre o mal e a vontade de viver, entre o mal e o desejo de lutar para não morrer. Privado das terapias médicas tradicionais, de fato meu pai se encontrou combatendo com as armas das terapias alternativas.

Neste livro narro, etapa por etapa, todo o percurso que realizamos juntos para debelar o câncer, sem negligenciar os momentos de desânimo e os de alegria, sem menosprezar os momentos de dúvida e de medo, que nos sobrevieram antes de optar por escolhas difíceis, tomadas contra o parecer dos médicos.

Decidi escrever este livro tanto como homenagem à tenacidade do meu pai quanto como instrumento de divulgação.

Em cada capítulo, de fato, está contida uma série de aprofundamentos sobre qualidades oficiais da babosa e sobre remédio, à base de aloé, do Padre Romano Zago que adotamos. Inseri também diversas referências às pesquisas médico-científicas que me impressionaram mais, permitindo-me encarar a doença sob um ponto de vista diferente e de alimentar a esperança de uma cura futura apta a salvar os doentes de câncer.

Dei amplo espaço, por outro lado, à questão da alimentação, que aprendi a considerar tanto como útil instrumento de prevenção como eficaz método de cura do câncer.

As indicações alimentares que aprendi nos meses de luta com meu pai recolhi-as nestas páginas, na esperança que possam ser de ajuda aos leitores envolvidos pelo idêntico problema. Os interessados a experimentar o remédio, a base de aloé, poderão consultar também as indicações para o cultivo da planta e a preparação caseira da receita.

Renascido pela terceira vez de fato é a narrativa de uma cura que se propõe a se tornar um encorajamento para todos quantos não sabem como enfrentar a doença e para os que estão à procura de um exemplo concreto, que os incentive a começar sua batalha.

CAPÍTULO 1 UM TUMOR INCURÁVEL

*Uma viagem de mil milhas começa com
um só passo.
Lao Tze*

1.1 A descoberta da doença

A minha vida mudou em março de 2011, quando descobri que meu pai tinha um tumor no fígado. Foi então que experimentei, em minha pele, o verdadeiro significado da palavra desespero.

Naquele período, em minha mente, havia-se aninhado uma sensação desagradável no que diz respeito à saúde de meu pai. Notei um estranho comportamento e fiquei em alerta, mas sem um motivo específico. A campanha de alarme, de fato, não estava descartada pelas contínuas idas e vindas do hospital, porque, para ele, já era algo normal, visto que sofria, há tempo, de diabetes, cirrose hepática, cardiopatia e síndrome metabólica.

Arrisquei-me a falar diretamente com meu pai a respeito de minhas suspeitas, mas não consegui nada, e a sensação não desapareceu.

Depois duma jornada como tantas outras, comecei a me dar conta que tendia a se isolar e a permanecer em silêncio. Segui-o até à sacada, onde fora fumar um cigarro, e a impressão que estivesse preocupado com algo continuava a crescer. Nunca o tinha visto tão pensativo e insisti para conhecer a

razão. Procurou minimizar, atribuindo a sua atitude ao cansaço, mas logo entendi que aquelas palavras tranquilizadoras estavam em contraste com a expressão de seu rosto.

Como já estivesse convencido que algo não ia bem, perguntei-lhe novamente o que estava acontecendo. Fixou-me por um momento, ergueu o olhar ao céu e, suspirando, me disse simplesmente: “tenho na verdade um tumor”.

Foi naquele preciso instante que o mundo desabou sobre mim. Não queria acreditar, e me senti como um boxeador estendido no ringue, após ter levado um soco em cheio no rosto no último round.

No início, a coisa mais difícil foi até pronunciar, em alta voz, o nome da doença porque, apenas ao dizer aquela palavra, te surge o pensamento da perda da pessoa querida.

O quadro clínico de meu pai já era péssimo e, de fato a notícia do câncer se abateu sobre toda a família como uma pedrada, lançando-nos no desconforto. Não estávamos lúcidos e deixamo-nos sacudir pelas emoções.

Sentimo-nos logo impotentes diante da notícia e não pensávamos senão como tivesse conseguido manter-nos oculta a verdade por meses. Perguntávamo-nos com insistência por que os médicos não tinham falado conosco, os seus familiares.

Eu, pessoalmente, estava aterrorizado. Não podia aceitar o diagnóstico e o medo estava me paralisando.

Estava à mercê de sentimentos contrastantes, e não sabia se ficava com raiva ou se me submetia à evidência, e aceitava a realidade. No entanto, aumentavam os porquês; por que aconteceu? Por que justamente a meu pai? Por que agora? E junto aos porquês crescia também a raiva.

Depois de dias de desconforto, que tinham acabado com toda nossa capacidade de reação, recuperamos, finalmente, as energias, e decidimos agir.

A estimular-nos a lutar foi justamente meu pai. Estava muito assustado com situação, mas nos seus olhos se via a vontade de não se entregar. Ainda hoje, não sei dizer se fui só eu a ver aquela luz que inspirava força. Decidi, de qualquer forma, satisfazer a minha sensação e crer que ele tivesse vontade de lutar e de não se abater.

Entendemos que aquela seria a atitude mais correta a ser tomada. Arregaçamos as mangas e decidimos dar o primeiro passo: falar com os médicos para saber algo a mais sobre suas condições de saúde.

1.2 O diagnóstico sem esperança

A conversa com os médicos não contribuiu para melhorar o nosso estado de ânimo. Os doutores nos disseram que a precária saúde de meu pai complicava ainda mais o diagnóstico e nos comunicaram a decisão de fazer uma TAC em breve, para melhor analisar a situação¹.

¹ **Nota dos Editores:** O que é TC ou TAC? O exame de tomografia computadorizada (TC) serve para auxiliar o médico no diagnóstico de várias doenças, assim como para avaliar a resposta ao tratamento, conforme veremos adiante com mais detalhe. A tecnologia base utilizada na tomografia é a radiação ionizante, semelhante à radiologia convencional (radiografia) também utilizada na medicina. No entanto, através de algoritmos complexos e recorrendo a sistemas informáticos (computorizada), são produzidas as imagens utilizadas para diagnóstico médico. A designação tomografia axial computadorizada (TAC) deve-se à tecnologia utilizada inicialmente para a produção de imagem: a gantry rodava em torno do doente (axial), e por ciclo produzia uma imagem; entre ciclos, a mesa onde o doente estava deitado movia-se uns milímetros/centímetros e assim sucessivamente. No entanto, esta designação caiu em desuso porque a tecnologia helicoidal, entretanto desenvolvida, possibilitou a produção de imagem com movimento contínuo da mesa e a rotação contínua da gantry. O exame passou a designar-se simplesmente por tomografia computadorizada (TC). Os termos tomografia computadorizada e tomografia computadorizada que derivam da palavra computador

Neste meio tempo, eu havia começado a procurar online sobre a doença. Queria entender mais, embora dando-me logo conta das dificuldades devidas também a uma linguagem médica não sempre compreensível.

Chegou o dia da TAC e depois também o da convocação dos médicos. Não esperávamos nada de bom, mas não estávamos preparados para receber a notícia que nos deram. A massa tumoral era de cerca de 9,5 centímetros e também não era a única, porque o fígado apresentava também outras formações menores.

Baixou um silêncio na sala, longo como a eternidade. O meu sangue gelou nas veias, mas consegui romper o silêncio e perguntei ao doutor qual terapia o meu pai teria podido seguir. Depois de uma série de palavras circunstanciais, o oncologista nos comunicou que a única terapia possível era não fazer nenhuma terapia.

Senti a raiva a me transtornar e me virei para olhar meu pai, mas ele estava imperturbável. Então, pedi ao médico que detalhasse sua afirmação. Descreveu-nos um quadro completo das patologias de meu pai e concluiu dizendo que, a seu parecer, era inútil submetê-lo a uma intervenção cirúrgica e a terapias dolorosas que o fariam sofrer inutilmente nos últimos meses da sua vida. Para ele, tratava-se, essencialmente, de uma

são também utilizados para nos referirmos ao exame em alguns Países. Em Portugal o termo usado é tomografia computadorizada ou simplesmente tomografia. A abreviatura TAC continua a ser mais conhecida que TC apesar do atrás enunciado, por razões históricas. Os aparelhos de TC efetuam diversos “cortes”, isto é, produzem várias imagens (multicorte) por cada ciclo da gantry, proporcional ao número de detetores instalados na gantry. Os cortes equivalem a uma “fatia” do segmento do corpo humano em estudo. Em função dos parâmetros técnicos previamente definidos, esses cortes podem ter diferentes espessuras (Cfr <https://www.saudebemestar.pt/pt/exame/imagiologia/tc/>, acessado em 07/09/2020).

escolha ética, visto que um paciente tão frágil não suportaria os ciclos da quimioterapia.

As palavras “últimos meses da sua vida” reboaram na minha cabeça, tornando-se sempre mais atordoantes, e só teria querido mandar àquele lugar o oncologista e a sua escolha ética.

No final, nos aconselhou a consultar outros especialistas e nos indicou uma série de nomes e endereços aos quais nos poderíamos dirigir.

1.3 O segundo parecer médico

Depois daquela primeira consulta, procurava desesperadamente encontrar aspectos positivos naquela dramática situação, para transmitir um pouco de coragem a meu pai e também a mim mesmo.

Disse-me que ao menos o diagnóstico nos dava tempo para estar junto e assim por diante, até, de me convencer que a nossa situação era melhor do que aquela de quem perde de repente uma pessoa cara num acidente.

A verdade era que não sabia o que seria melhor fazer. Devíamos nos alegrar naqueles últimos meses juntos, procurando recuperar o tempo perdido e fazendo tudo aquilo que não havíamos conseguido realizar numa vida toda? Ou devíamos encontrar uma cura para a doença?

Devíamos confiar na medicina tradicional e ao seu diagnóstico sem esperança? Ou seria melhor procurar uma alternativa, com o risco de alimentar as nossas esperanças e depois vê-las naufragar na vã busca de algo que não existia ou que a ciência ainda não havia encontrado?

Estes eram os pensamentos que iam amadurecendo naquele período e dos quais eu mesmo não me convencia. Até andei pensando que a oração pudesse ser o caminho mais

cômodo e fácil. Simplesmente, podíamos esperar que o prognóstico acontecesse e culpar o destino, mas eu não queria que acabasse assim.

No final, decidimos reagir e iniciar novo percurso, com outro médico, na esperança que, diferentemente do primeiro oncologista, nos propusesse uma intervenção e a sucessiva terapia.

Iniciamos assim a girar pela Itália à procura de um cirurgião corajoso que quisesse operar meu pai, mas ninguém pretendia assumir o risco, por causa da sua situação clínica já tão comprometida.

Fui tomado até pela feia sensação que os médicos não quisessem operar meu pai para não se arriscar a sofrer um fracasso, que teria podido se revelar prejudicial para a sua reputação. Havíamos-nos tornado suspeitos, admito-o. Girar por hospitais sem encontrar uma solução nos fez perder a lucidez.

Entre os nomes indicados, havia um famoso oncologista, considerado um dos professores mais importantes da Itália. O doutor trabalhava no Hospital Santa Úrsula, de Bolonha. De fato, não foi fácil conseguir uma consulta o mais cedo possível, mas conseguimos. Estava eufórico pela oportunidade, também porque, para meu pai, um dia a mais ou a menos podia fazer a diferença.

Ele me pareceu acolher a notícia com serenidade. A sua reação me fez pensar no significado inserido na expressão “viagem da esperança”.

Para nós, as horas no trem para Bolonha foram, realmente, uma viagem da esperança. Estivemos sentados o tempo todo um diante do outro, atentos em contemplar da janela o sol que iluminava a paisagem. Lembro que impressionou a velocidade com a qual corriam as casas e as árvores mais próximas, enquanto aquelas distantes pareciam mais lentas. Fiz

observar isso a meu pai e ele me disse: “É como na vida. As coisas próximas correm de tal forma velozes que não percebes nem mesmo que estão em movimento. As coisas distantes, ao invés, não as vês correr e te parecem imóveis”.

Não entendi bem o que teria querido dizer, mas concordei pensando que se referisse a como os pais não percebem quanto crescem depressa os filhos, embora tendo-os próximos.

Na realidade, eu falava de muitas coisas só para procurar distraí-lo. A viagem assim nos pareceu, realmente, menos longa, embora a ansiedade pela consulta era palpável. Já estávamos conscientes que qualquer que fosse a decisão que o médico fosse tomar seria a definitiva. Para conseguir aquela consulta foi necessário muito tempo e nós não tínhamos muito tempo.

Chegamos a Bolonha um pouco desorientados e assustados, e a sensação não melhorou nem mesmo na sala de espera do consultório médico, onde estavam outras quatro pessoas esperando. Senti-me nervoso e, ao invés de tranquilizar meu pai, precisei ser tranquilizado por ele e pela sua atitude pacata.

A espera pareceu-nos infinita e, quando, finalmente, nos chamaram, saltamos quase em cima da cadeira. Entramos e logo entreguei os exames clínicos ao professor e, enquanto ele folheava os exames, olhei ao redor para acalmar a ansiedade.

Depois de todo este tempo ainda não esqueci aquelas paredes cheias de títulos e atestados.

O professor deu uma rápida olhada nos vários relatórios até deter-se nos exames relativos ao tumor. Infelizmente, as expressões de seu rosto e o seu olhar não prenunciavam nada de bom. Começou confirmando que o quadro clínico geral do meu pai o induzia a concordar com os colegas de Roma.

Perguntei-lhe pelos esclarecimentos, visto a rapidez com que havia examinado o arquivo. O professor reforçou o que já havia dito e confirmou a proposta de não operar e não submeter meu pai à quimioterapia.

Não entendia, e a impassibilidade de meu pai me induzia a pensar que nem mesmo ele tivesse entendido. Depois de uma série de palavras circunstanciais, o professor declarou que meu pai não podia ser operado enquanto pessoa de risco. O seu corpo não suportaria uma anestesia total e, também, se a suportasse, as possibilidades de cura eram irrisórias. Numa palavra, a operação causaria até uma piora da sua situação.

Estávamos abatidos e voltamos a Roma sem dizer uma palavra. Todas as esperanças foram destruídas, e a viagem de volta foi longa e em silêncio.

CAPÍTULO 2

OS TRATAMENTOS ALTERNATIVOS

*Existem sempre duas escolhas na vida:
aceitar as condições nas quais vivemos
ou assumir a responsabilidade de mudá-las.*

Denis Waitley

2.1 O Óleo de Lourenço

No dia seguinte à visita do professor de Bolonha, sentamos para analisar a situação. Havíamos entendido que, no caso de meu pai, a ciência havia desistido, mas nós não podíamos fazê-lo.

Por sorte, também ele tinha o mesmo pensamento e não queria dar-se por vencido. Havia decidido combater o mal com coragem, e eu não podia abandoná-lo ao seu destino.

Devíamos encontrar um caminho alternativo. Se a medicina oficial nos havia dado as costas, não nos restava senão seguir outros caminhos.

Comecei a procurar informações na internet, na convicção que o parco conhecimento da doença me havia permitido ter uma maior abertura mental. Não sei dizer se raciocinar naquela forma fosse uma espécie de ilusão ou fosse simples desespero, mas aquele pensamento contribuiu para aumentar a minha motivação, porque me induziu a acreditar que me aventurar naquele mundo, sem preconceitos, teria facilitado a procura de uma solução.

Havia entendido em que consistia precisamente um tumor já antes da consulta com os médicos. Desta doença se fala muito, mas a verdade é que não é bastante conhecida. Qual é a sua origem? Do que se trata exatamente? O que significa a definição ‘célula louca’ com a qual é descrita? Havia entendido só que a doença surge de uma célula que sofre uma deformação, provocada pelas mutações genéticas do DNA. Por causa desta deformação, a célula tumoral começa a se reproduzir de maneira anômala, invadindo os tecidos que a circundam.

Os médicos, aos quais havíamos consultado, não me haviam fornecido explicações que ajudassem e não haviam esclarecido as minhas dúvidas. A ausência, pois, de respostas oficiais sobre uma eventual terapia para ser adotada, a fim de curar o câncer de meu pai, me fez voltar à memória uma história que lera anteriormente: a história do Óleo de Lourenço.

Trata-se de uma história cheia de esperança e de coragem, que te faz entender como, na vida, seja importante nunca se deixar vencer, também quando as situações parecem desesperadoras.

Em 1984, ao pequeno Lourenço foi diagnosticada uma forma grave de adrenoleucodistrofia (ALD), doença genética rara, que se manifesta na tenra idade. A ALD desencadeia a destruição progressiva da mielina, uma substância que cobre a maior parte dos nossos tecidos nervosos. Os efeitos da deterioração da mielina são muitos e todos muito graves, da cegueira ao mutismo até a paralisia. Infelizmente, a adrenoleucodistrofia é incurável.

Os pais de Lourenço, Augusto e Micaela Odone, negaram-se a aceitar passivamente o diagnóstico e decidiram combater, tornando-se eles mesmos os pesquisadores com a intenção de encontrar cura para a doença do filho.

Os dois corajosos pais, porém, deviam se chocar logo com infinitas dificuldades e com o ceticismo da comunidade médico-científica.

Augusto e Micaela não se deixaram abater, e voltaram-se ao mais importante estudo da doença. De fato, contactaram o professor Hugo Moser, ao qual se deve a invenção do teste do sangue capaz de diagnosticar a ALD. O mesmo teste que fora utilizado para o diagnóstico de Lourenço que, somente com seis anos, havia sido condenado a não sobreviver aos pais.

O casal Odone conseguiu assim desenvolver o primeiro tratamento anti-ALD, usando o simples óleo de cozinha.

O defeito genético, que provoca o aparecimento da doença, é devido a um incorreto metabolismo do tipo particular de ácidos gordurosos, os assim ditos ácidos em cadeia muito longa. Augusto Odone havia observado que o ácido oleico, contido no óleo de oliva, era apto a reduzir justamente aqueles ácidos gorduroso que se acumulavam no organismo do filho por causa do defeito metabólico e que favoreciam o progresso da doença.

Na realidade, durante um congresso médico, Augusto descobriu que a medicina oficial estava se aproximando de sua própria conclusão. Esta evidência lho encorajou a utilizar o seu óleo, uma mistura de ácido oleoso (74%) e ácido erúcido derivado do óleo de colza (24%).

A utilização do óleo conseguiu desacelerar o progresso da doença e permitiu, ao pequeno doente, prolongar a sua expectativa de vida. Lourenço, de fato, morreu com 30 anos, por uma complicação desencadeada pela adrenoleucodistrofia.

O tratamento, chamado “Óleo de Lourenço” não cura a ALD, porque não está apto a reparar a mielina danificada, mas contribui para desacelerar a progressão da doença e a melhorar as condições de vida dos doentes.

Augusto Odone, de qualquer forma, nunca se entregou e continuou a sustentar a pesquisa sobre a particular doença de Lourenço através da sua fundação, batizada Projeto Mielina. A comunidade médica, enfim, reconheceu o valor da sua atividade e lhe conferiu a láurea honorífica em Medicina, concedida pela Universidade de Stirling.

Esta foi a história que me deu coragem para reagir. A minha fonte de inspiração foram estes dois pais, que se haviam colocado a estudar, noite e dia, por amor, e conseguiram encontrar a solução para melhorar a condição do seu filho e de muitas outras crianças afetadas pela ALD.

O seu exemplo e a sua tenacidade me deram a força para me colocar à procura de um tratamento que pudesse ajudar meu pai.

2.2 O mundo das terapias alternativas

Iniciei a minha pesquisa e me admirei logo pela quantidade de terapias alternativas com as quais me encontrava. Havia descoberto, realmente, um mundo. Na verdade, algumas terapias eram, acima de tudo, bizarras e não era difícil descartá-las, mesmo não tendo conhecimento aprofundado do assunto.

Mas como proceder? Quais tratamentos poderiam ser os melhores para meu pai? Alguns tinham pesados efeitos colaterais e outros ainda me fizeram surgir a dúvida de uma interação não positiva com os remédios que ele já estava tomando. Decidi, então, restringir-me ao campo dos tratamentos mais naturais. A tarefa não foi fácil, e permaneci noites inteiras diante da tela do computador.

Durante as minhas pesquisas, veio-me à mente, de improviso, um episódio acontecido alguns meses antes, quando havia participado de uma coleta de fundos para o referendo de 2011 sobre a água pública. Tinha uma boa lembrança daquele

período, no qual me havia decidido a dedicar um pouco do meu tempo livre àquela que considerava uma boa causa.

A coleta de fundos se desenvolvia na Villa Pamphili, onde um guia ilustrava aos presentes as maravilhas do parque romano. No grupo de participantes havia também um senhor que começou a nos falar das propriedades medicinais de muitas plantas do parque, das quais eu ignorava completamente a existência. Acredito que fosse um professor ou um dirigente de escola Steineriana.

Pensando naquela jornada, veio-me à mente quanto fiquei fascinado por aquelas explicações e me recordei até que as afirmações do professor haviam feito aflorar uma frase que me dizia frequentemente a minha avó: “Há sempre uma planta que ajuda a curar”.

Naquele momento me pareceu que todas aquelas lembranças me endereçaram à medicina natural. Na realidade, sempre achei interessante o conhecimento que os antigos tinham das plantas, assim como a sua capacidade de utilizá-las com fins curativos. Desagrada-me, entre outras coisas, que este patrimônio de noções esteja desaparecendo em favor do uso dominante dos medicamentos, tornados em alguns casos, realmente muito caros, seja para a saúde pública como para os doentes.

A lembrança repentina do professor de Villa Pamphili me pressionou a refletir.

Nunca havia sido contra a medicina oficial, antes, sempre havia pensado que fosse absolutamente necessária. Até ao dia do diagnóstico de tumor do meu pai, nunca me havia nem mesmo encontrado em condições e dever duvidar da validade da pesquisa e da sua capacidade em descobrir novos medicamentos e novas terapias, aptas a curar ou a prevenir doenças

tidas incuráveis. No fundo, meu próprio pai tinha um marca-passo e vivia graças aos progressos da ciência.

Tomado pelo fluxo dos pensamentos, veio-me à mente até uma objeção que havia colocado ao professor de Villa Pamphili e a cuja lembrança me pareceu por nada casual. Não sei porque lhe havia dito que não deviam existir plantas aptas a curar tumores, de outra forma, as empresas farmacêuticas não as teria deixado fugir. O professor se declarou convicto do contrário e naquele momento ambos permanecemos em nossas respectivas posições.

Então, a ideia que uma planta pudesse ter propriedades antitumorais não me tinha convencido, mas as coisas mudaram e a situação de meu pai me pressionou a aprofundar as minhas pesquisas justamente naquela direção.

2.3 Os remédios naturais

Seguindo o caminho da fitoterapia e da medicina natural que utiliza tratamentos à base de plantas, prossegui nas minhas pesquisas e constatei que o professor da Villa Pamphili tinha razão: existem plantas que dificultam o tumor.

O açafreão, por exemplo, parece desacelerar e dificultar o desenvolvimento tumoral justamente graças às suas propriedades antioxidantes e anti-inflamatórias que combatem o stress oxidativo das células.

A erva de São João desenvolve uma atividade imunomoduladora e anti-inflamatória, útil a frear a proliferação das células tumorais.

Alguns anos depois, soube até que a artemisia consegue eliminar as células tumorais graças ao princípio ativo do qual é dotada, denominado artemisina. Os pesquisadores descobriram que a artemisina atinge seletivamente as células que

contém uma quantidade elevada de ferro, característica típica justamente das células tumorais.

A artemisina pode frear, portanto, o crescimento das células tumorais e, em alguns casos, a sua apoptose. Não escondo que, para entender o que lia, devesse tomar um pouco de familiaridade com a linguagem médica. Foi bonito, naquele momento, descobrir que apoptose significa “morte celular programada ou natural”.

Em suma, senti estar no caminho certo e com efeito, procurando numa base de dados de publicações científicas, me vi diante de toda uma série de artigos que falavam de plantas em relação às curas antitumorais.

Li que a fruta e a verdura desenvolvem alguns compostos químicos, os assim ditos metabólitos secundários (alcaloides, flavonoides, taninos, etc.), que possuem propriedades anti-inflamatórias, antioxidantes e também antitumorais.

Chegado àquele ponto da minha pesquisa, a variedade de informações que havia coletado sobre as propriedades antitumorais das plantas já era ampla e encorajadora, mas eu não quis me dar por satisfeito e continuei com as minhas indagações sobre terapias naturais.

Foi assim que me defrontei com uma planta para mim nova: a babosa.



CAPÍTULO 3 A BABOSA

*Quatro vegetais são indispensáveis
para a saúde do homem: o trigo, a
videira, a oliva e a babosa.
O primeiro o alimenta, o segundo
refresca o espírito, o terceiro lhe
proporciona harmonia, o quarto
o cura.
Cristóvão Colombo*

3.1 As propriedades da babosa

Aquela lembrança do professor de Villa Pamphili me conduziu, realmente, pela mão, até a babosa. Observei logo que quanto mais prosseguia com as minhas pesquisas e mais descobria novas propriedades medicinais daquela planta gordurosa, considerada por milênios, remédio realmente eficaz na cura de numerosas patologias. Os chineses, os assírios, os egípcios, os gregos e os romanos, todos estes povos a utilizavam para fins curativos, com uso tanto interno como externo.

No antigo Egito, por exemplo, a babosa era conhecida com o nome de planta da imortalidade. A rainha Cleópatra, de fato, a acrescentava nos seus banhos de beleza e o povo egípcio se servia dela nos processos de mumificação.

Os testemunhos sobre o uso curativo da babosa multiplicavam à medida que continuava as leituras. Encontrei-me a ler referências à babosa contidas também nos Evangelhos.

Entre outros, o primeiro tratado centrado nas propriedades medicinais da planta fora escrito pelo médico grego Dioscoride. Graças a sabedoria de Dioscoride, aos textos do médico romano Plínio o Velho e aqueles do pai da medicina moderna Galeno, os médicos ocidentais puderam entender totalmente as propriedades da babosa.

Admirei-me em constatar o número de patologias que os antigos tratavam com os remédios à base de babosa. O elenco é muito amplo e inclui distúrbios como as hemorroides, as amígdalas, as infecções dos olhos, as dores de estômago, a insônia, a constipação e as patologias que afetam os rins. Na realidade, o uso mais frequente era como purgante, como cicatrizante, para facilitar a cicatrização das feridas, chagas, queimaduras e queimaduras solares. Plínio o Velho sustenta a eficácia até na cura das terríveis chagas causadas pela lepra.

Segundo Dioscoride, ao invés, os preparados à base da babosa, vinagre e óleo de rosas são um verdadeiro curatudo para derramar sobre as têmporas e combater a dor de cabeça.

Adentrando na minha pesquisa, encontrei uma referência também ao nosso Cristóvão Colombo. O grande explorador devia conhecer muito bem as propriedades da babosa, visto que a levava consigo nas suas viagens no mar.

Aquela planta, tão rica em minerais, vitaminas e aminoácidos, estava se tornando, a meus olhos, sempre mais interessante, graças às suas múltiplas propriedades depurativas, desintoxicantes e anti-inflamatórias.

Depois de uma primeira fase exploradora, comecei a fazer uma pesquisa mais direcionada, para entender se babosa pudesse ser um remédio útil no caso de meu pai. Foi assim que encontrei, na sequência, o nome do Padre Romano Zago, o qual sustenta que um preparado à base da babosa serve para curar tumores.

Ao ler aquelas declarações, senti um misto de curiosidade e admiração. Perguntei-me quem era o Padre Romano Zago e procurei coletar alguma informação a mais sobre sua história.

Romano Zago é um missionário brasileiro, comprometido a prestar a sua ajuda aos moradores das favelas. Durante a sua atividade missionária descobriu as propriedades curativas da babosa, que os pobres moradores das favelas utilizam como remédio natural no lugar dos remédios, os quais infelizmente não podem dar-se ao luxo de comprar.

Curioso pelo uso da babosa, o missionário estudou os efeitos da planta e pôde constatar, em primeira pessoa, a sua eficácia no tratamento de diversas patologias, inclusive o tumor. Tendo testemunhado pessoalmente efeitos do remédio natural, usado nas favelas, Padre Romano Zago decidiu transmitir a receita num livro, com o intuito de favorecer a difusão e ajudar o maior número possível de doentes.

Procurei seu livro *“Di Cancro si Può Guarire”* e o comprei logo. Disse-me que, vista a situação de meu pai, não me custava nada tentar também aquele caminho. Não existiam curas oficiais para ele e pensei que a babosa com certeza não podia comprometer uma situação já de per si dramática.

Para me convencer sempre mais, foram também os ingredientes do remédio, todos absolutamente naturais, a saber, babosa, mel e cachaça. Com certeza, esta última não é justamente aconselhável no caso de meu pai, mas não consegui evitar o entusiasmo. Não via literalmente a hora de lhe revelar as minhas descobertas.

Foi ele, porém, a maravilhar-me, contando-me, inicialmente, a história do Padre Zago. Um amigo seu, afetado por um problema de saúde semelhante ao seu, lhe havia falado do remédio e lhe havia até dado a receita.

Não podia acreditar! A coisa me pareceu muito mais uma simples coincidência e tive a nítida sensação que o destino estivesse nos indicando o caminho a seguir.

Na realidade, antes daquele momento, eu nunca tinha acreditado em coisas como o destino. No entanto, naquele momento, o fato que ambos, independentemente um do outro, tivéssemos chegado juntos à mesma conclusão, me pareceu um sinal encorajador. Decidimos, portanto experimentar com a babosa.

3.2 O remédio do Padre Zago

Graças a Marcos, um amigo do amigo de meu pai, conseguimos encontrar o preparado. Marcos nos forneceu também a receita e nos deu algum conselho para aumentar a sua eficácia.

Devo admitir que, nos dias anteriores ao início de nossa tentativa de terapia natural, estava muito curioso para entender como se apresentava o remédio do Padre Zago.

O composto estava contido numa jarra de vidro de um quilo, completamente coberto de alumínio, para evitar a exposição à luz solar. A babosa, de fato, é muito sensível à luz, ao calor e a mudança de temperatura e tende a oxidar-se facilmente, reduzindo, assim, as suas propriedades medicinais.

Não é por acaso, que o preparado é tomado no escuro, utilizando uma colher de plástico ou de cerâmica. São proibidas as colheres de metal, porque a mistura da babosa, mel e cachaça reage logo ao contato, iniciando um processo de oxidação que prejudica a sua eficácia.

Com efeito, existem diversas precauções para serem observadas. O revestimento da jarra, por exemplo, não é aplicado só ao longo das paredes, mas também no interior da tampa,

para a qual se utiliza uma folha de filme alimentar, que serve para favorecer a melhor conservação do preparado.

A escolha da planta da babosa é fundamental. As folhas, a serem usadas, devem proceder de uma planta madura, definição pela qual se faz referência a exemplar que tenha atingido ao menos os cinco anos de vida. A idade é importante, porque as propriedades benéficas melhoram quanto mais cresce a babosa.

As plantas são consideradas maduras quando florescem. O florescimento da babosa acontece no período invernal (dezembro-janeiro)² e apresenta-se em forma de cacho, com flores caracterizadas por uma cor vermelho alaranjado.

Normalmente, todas as plantas maduras apresentam o florescimento. É preciso, porém, encontrar exemplares de aloé madura sem flores. As causas do não florescimento podem ser diversas, desde a pouca exposição ao sol e a falta de água. Em todo caso, as plantas privadas de flores não são utilizáveis para a preparação dos remédios.

A idade não é, de qualquer forma, a única característica da babosa a se levar em consideração. Seria melhor usar, por exemplo, uma planta crescida na terra e não em vasos. As plantas selvagens também são, sem sombra de dúvida, a melhor escolha.

Se não é possível encontrar folhas da babosa selvagem ou as cultivadas na terra, pode-se utilizar a planta usando areia e solo superficial de jardim. Para o crescimento em vaso é preciso ter um pouco de espaço à disposição no terraço e varanda, porque a babosa tende a se tornar bastante grande.

Além da colocação, se deve prestar atenção também no cuidado com a planta. A babosa se rega com moderação

² **Nota dos Editores:** referência ao hemisfério norte. No Brasil seria fim de outono, início de inverno.

porque, de outra forma, corre o risco de deteriorar-se. Durante o período de outono as chuvas diminuem gradualmente até a completa suspensão. Deve-se regá-la com regularidade no período primaveril.

Por este mesmo motivo nunca se deve usar a bandeja porque poderia agir como recipiente de estagnação da água da chuva ou da água da rega e provocar a morte da planta por deterioração.

O clima é outro fator para ser controlado sempre com atenção, porque o frio é um grande inimigo da babosa. Esta planta, de fato, é original de países quentes como Madagascar e Arábia Saudita e sofre muito com as temperaturas abaixo dos sete graus.

Vista a delicadeza da babosa e o clima de inverno rígido, presente em muitas regiões italianas, os vasos são levados para dentro da casa ou são cobertos e protegidos das intempéries nos meses de outubro a março.

Os cuidados não acabam aqui. Antes de usar as folhas para o remédio, é necessário verificar que não existem brotos presos ao tronco. Os talos são os pequenos ramos com os intervalos que, estando em fase de crescimento, se nutrem das substâncias vitais da planta. Para evitar uma menor concentração das propriedades da babosa, os brotos são tirados e plantados noutro vaso, de tal forma que possam dar vida à nova planta.

O melhor horário do dia no qual se prepara o remédio é à tarde ou ao amanhecer e, mais precisamente, uma hora depois do pôr do sol e uma hora antes do nascer do sol.

A última observação diz respeito ao controle da integridade e do tamanho das folhas. Para o remédio se utilizam só folhas sem manchas e áreas amarelas e na largura à base ao menos 3 ou 4 centímetros.

Uma vez selecionada a planta para ser usada, interrompe-se logo a rega e por um período de ao menos seis dias, de modo a permitir a desidratação.

Este processo serve para favorecer uma maior concentração de todas as substâncias benéficas da babosa.

Se as folhas da babosa possuem todas as características elencadas, pode-se proceder à preparação do remédio.

3.3 Como preparar o remédio à base da babosa

Existem diversas receitas para preparar o remédio do Padre Romano Zago e existem também vários produtos já prontos, para adquirir e para usar como suplementos. Nenhum dos preparados que se encontram no mercado, porém, está em condições de se igualar aos efeitos do remédio caseiro. Para ser comercializados, de fato os suplementos têm necessidade de acréscimo de outras substâncias conservantes que tem como efeito colateral a redução das propriedades benéficas da babosa.

Os ingredientes da receita original brasileira do Padre Romano Zago são os seguintes:

- 350 gramas de folhas de babosa, não se deve confundir com a Aloé Vera ou Aloe Barbadensis Miller (variedade mais conhecida e difundida que babosa). A quantidade indicada é igual a cerca de 3/10 folhas, que sejam largas na base ao menos 3/4centímetros. O número de folhas varia segundo o seu tamanho.

- 500 gramas de mel biológico de qualidade. Não se pode usar nem o mel de flores silvestres nem aquele produzido industrialmente. No caso de diabéticos, como meu pai, a

quantidade de mel para ser usado é inferior e corresponde a 250 gramas³.

- 10 ml de cachaça, igual cerca de uma xicrinha de café.

A cachaça não pode ser substituída por vinho, cerveja ou outros licores.

Antes de agir, deve-se ter à mão todos os instrumentos necessários ao trabalho.

Uma faca com a lâmina de plástico ou de cerâmica

Um pano húmido

Um pano enxuto

Um liquidificador

Uma balança alimentar

Pratos

Um rolo de alumínio de cozinha

Um rolo de lâmina alimentar

Uma jarra de vidro de 1kg.

Inicia-se o trabalho, esterilizando a jarra de vidro em água fervente. Em seguida, cobre-se com cuidado a superfície externa da jarra, utilizando uma folha de alumínio, que é aplicada também no fundo. O revestimento deve ser tal a ponto de evitar que o conteúdo seja exposto à luz. Com a lâmina para alimentos, ao invés, se reveste o interior da tampa.

³ **Nota dos Editores:** Diabetes é uma doença crônica na qual o corpo não produz insulina ou não consegue empregar adequadamente a insulina que produz. Mas o que é insulina? É um hormônio que controla a quantidade de glicose no sangue. O corpo precisa desse hormônio para utilizar a glicose, que obtemos por meio dos alimentos, como fonte de energia. Quando a pessoa tem diabetes, no entanto, o organismo não fabrica insulina e não consegue utilizar a glicose adequadamente. O nível de glicose no sangue fica alto – a famosa hiperglicemia. Se esse quadro permanecer por longos períodos, poderá haver danos em órgãos, vasos sanguíneos e nervos (Cfr. <https://www.diabetes.org.br/publico/diabetes/oque-e-diabetes>), acesso 07/09/2020.

A folha de lâmina deve ser de cerca de 3 cm maior do que a própria tampa.

Eu aprofundei também o procedimento para preparar o remédio em casa e li as condições indispensáveis para ter efeitos esperados.

A primeira indicação à qual é preciso prestar grande atenção é a escuridão. Vista a elevada sensibilidade da planta à luz, o remédio é preparado numa sala escura, na realidade, é possível acender uma pequena luz suave ou deixar que penetre um pouco a luz proveniente de sala contígua. O importante é que a fonte luminosa permita ver o suficiente para preparar o remédio.

A fase inicial da preparação consiste em colher as folhas da planta, tendo o cuidado de não provocar a perda do gel. Faca e tesouras são banidas à mercê das mãos. É preciso, isto é, agarrar as folhas com as mãos e arrancá-las do tronco, exercendo uma ligeira pressão antes à direita e depois à esquerda. Seria bom também tirar a parte da película do tronco junto à folha. A película, de fato, serve de selante natural e impede a dispersão do gel interno.

Arrancada a primeira folha é bom fazer uma prova friccionando sobre a pele um pouco do gel que sai da mesma. A massagem serve para verificar o surgimento de reações cutâneas de contato, porque, em caso de alergia, não se pode proceder com a preparação. O remédio, de fato, deve ser confeccionado por pessoas que não apresentam nenhuma reação alérgica ao contato com a planta.

Colhidas todas as folhas necessárias, estas são limpas, passando-as antes com um pano úmido e depois com um pano enxuto, e em seguida são tirados os espinhos laterais. Depois disto, são inseridas no copo do liquidificador reduzidas em pedaços.

O composto não deve, absolutamente, sofrer um superaquecimento. Isto significa que não se pode ligar o liquidificador em ciclo contínuo, mas que é preciso proceder em breves ciclos, intercalando as fases de ignição com as de desligamento.

Uma vez misturadas as folhas da babosa, acrescentam-se os outros dois ingredientes, um por vez. Logo que o liquidificador misturou mel e aloé, acrescenta-se a cachaça e se bate novamente.

Para obter a justa consistência do remédio, o liquidificador deve ser acionado por cerca de três minutos. Na fase que fornece o acréscimo do mel e cachaça, adota-se sempre o método dos ciclos breves para misturar, mas com pausas mais longas entre o ligar e o desligar em referência àquele adotado para a mistura de só os pedaços da babosa.

Quando o composto está pronto, coloca-se na jarra, fecha-se com a película alimentar e se parafusa a tampa, por sua vez, vestida de película.

Para estar seguros que a luz não penetra de nenhum modo, cobre-se a jarra com uma ulterior folha de alumínio, até cerca da metade do pescoço. Enfim, coloca-se o preparado na geladeira no interior da bandeja das verduras.

O procedimento aqui descrito poderia aparentemente parecer complexo. Na realidade não o é realmente; basta tomar um pouco de familiaridade com doses e etapas.

Se na primeira tentativa devêssemos também pular alguma etapa, não devemos nos preocupar: Padre Zago aconselha, de qualquer forma, preparar o composto sozinhos. Com a prática, nos tornaremos mais hábeis, o procedimento será assimilado e o nosso preparado caseiro será perfeito.

No momento de tomar, o preparado é agitado com uma colher porque, durante a conservação na geladeira, tende a se compactar.

Nos primeiros dois dias da terapia, a dose corresponde à metade da colher tomando 20/30 minutos antes das três principais refeições (café, almoço e ceia). A dose de meia colher é uma precaução que deve ser adotada para poder ter sob controle a reação do organismo ao remédio.

Se, depois dos primeiros dois dias de ingestão, a reação for boa, passa-se a tomar uma colher cheia, sempre 20/30 minutos antes das três principais refeições.

Tendo acabado o primeiro frasco, a administração deve sofrer uma pausa de 4/5 dias. Terminada a fase de suspensão, pode-se iniciar novamente com a ingestão normal do remédio.

Esta terapia deveria seguir pelo menos por três meses. É aconselhável, de qualquer forma, fazer as análises do sangue tanto antes do início como no término dos três meses de ingestão.

No que diz respeito ao sabor do remédio, ao invés, não é muito bom, porque tende definitivamente ao gosto amargo. Meu pai, porém, gostava.

Foi incrível como levou a sério a nossa “terapia”! Talvez tivesse se convencido logo da eficácia do preparado por causa daquela estranha coincidência que tinha levado ambos até ao Padre Zago por dois caminhos diferentes, mas ao mesmo tempo.



CAPÍTULO 4 ALIMENTAÇÃO E TUMOR

*Somos aquilo que comemos.
Ludwig Feuerbach*

4.1 A mudança do regime alimentar

Além de tomar babosa, descobrimos logo que meu pai deveria se submeter a regime alimentar controlado, que previa a eliminação de muitos alimentos, da carne aos laticínios, dos açúcares às farinhas refinadas, até aos produtos confeccionados.

Na prática, a sua alimentação deveria constar à base de fruta fresca, fruta seca e verdura, esta última consumida, preferencialmente, crua. Toda a fruta e a verdura, pois, deviam ser provenientes de cultivo biológico, porque devia purificar-se das toxinas acumuladas através dos anos e devia reforçar o organismo para combater a doença.

O tratamento previa, pois, uma verdadeira e real revolução no estilo de vida do meu pai, inclusive um aumento da atividade física diária. Daquilo que começávamos a intuir, a alimentação tinha papel-chave naquela terapia.

Logo que meu pai iniciou a tomar diariamente a babosa, começamos, também, a mudar o seu regime alimentar. Reduzimos a carne, os açúcares e os produtos refinados e aumentamos a verdura e a fruta, esta última com moderação, por causa dos seus problemas de diabete.

Li diversos artigos com os dados de pesquisas médicas que demonstravam a ligação existente entre tumor e alimentação. Constatei que os estudos sobre a questão eram de tal forma numerosos a ponto de ter surgido também um novo ramo da pesquisa científica: a epidemiologia nutricional.

Procurei algum estudo frente ao tumor de meu pai e não foi difícil encontrar material. Segundo o EPIC (European Prospective Investigation into Cancer and Nutrition), por exemplo, os tumores que influenciam muito a qualidade e a quantidade de alimento tomado quotidianamente são os do esôfago, do estômago e do colórectal. Nos vários artigos, os pesquisadores destacavam a importância de escolher alimentos certos também no caso de tumor do fígado.

Por este órgão, de fato, passam todas as substâncias absorvidas em nível intestinal, o que significa que o fígado está muito exposto aos males derivados dos alimentos cancerígenos.

Estava firmemente convencido de ter que mudar a alimentação de meu pai para regime mais sadio. Amadureci aquela decisão no momento em que me pareceu bastante clara a distinção entre alimentos aptos a favorecer a progressão do tumor e alimentos capazes de prevenir o seu início.

Havíamos tomado o caminho certo, embora também, no início, não fosse fácil para meu pai adotar o novo regime alimentar, porque, no fundo, nunca havia seguido um na sua vida. Visto que uma repentina mudança de alimentação podia resultar contraproducente, preferimos proceder de maneira gradual. Dia após dia, acrescentávamos um alimento com efeitos benéficos e reduzíamos aqueles portadores de efeitos negativos.

Enquanto os dias passavam, eu tinha a impressão que meu pai estava melhor. Provavelmente era só uma impressão,

mas a atividade de pesquisa de alimentos saudáveis, a atenção e a constância na ingestão do preparado do Padre Romano Zago e o maior tempo transcorrido juntos haviam contribuído para melhorar o nosso humor.

O novo caminho que estávamos seguindo nos havia alcançado um objetivo, tinha-nos dado uma esperança e eu notei em meu pai uma maior serenidade. Pareceu-me que tivesse aceito a sua situação e que estivesse assim convencido da utilidade do remédio a ponto de ter transformado o momento da ingestão da babosa num verdadeiro e próprio ritual.

Estávamos até prontos a discutir sobre quais alimentos deveriam ser considerados bons e quais menos bons para ele. Interpretei este seu desejo como sinal positivo de caráter e de vontade de lutar. Na verdade, convenceu-se também de ter entendido como o seu corpo reagia à alimentação e, embora querendo seguir um regime mais saudável, começou a pensar dever, de qualquer forma, adaptá-lo à sua pessoal situação.

O choque em alguns casos foi inevitável, porque eu, ao invés, estava mais decidido a querer seguir ao pé da letra os conselhos que havia armazenado.

A verdade é que teria desejado que os benefícios daquele percurso fossem logo palpáveis e, às vezes, me acontecia ser muito exigente, embora soubesse não poder pretender mudança radical em pouco tempo.

Tive que moderar a minha insistência porque na realidade me dava conta de quanto estava se empenhando e não podia deixar de considerar os seus esforços como um progresso.

No final cheguei à conclusão de não dever submeter meu pai a um excessivo estresse diário, sobretudo tendo em vista a melhora constante de seus hábitos.

Constatei nele também um aumento da vivacidade, que interpretei como o primeiro efeito do novo regime alimentar. Apresentava muito mais vontade de agir e, considerado o momento de depressão do qual apenas havia saído, não pude senão observar aquela mudança como um grande resultado.

Decidi, então, continuar as minhas pesquisas, concentrando-me no fator alimentação e me deparei com a história e o método da doutora Catherine Kousmine.

4.2 O método da doutora Catherine Kousmine

Catherine Kousmine foi uma pediatra de origem russa que exerceu sua atividade profissional na Suíça, onde se laureou em 1928.

Depois da especialização em pediatria, a doutora Kousmine perdeu dois pacientes de apenas doze anos cada um, ambos doentes de tumor, sem poder nada fazer para salvá-los.

Foram aquelas duas dolorosas perdas que a induziram a querer começar uma atividade de pesquisa sobre o câncer. Como ela mesma declarou, a sua intenção não era acabar com o tumor, mas encontrar sua causa. Para a época em que atuava, tratava-se de algo completamente novo à doença. Estimulada por profunda motivação científica, a doutora montou um laboratório de pesquisa na cozinha da sua casa com a ajuda de dois grandes amigos, um diretor de indústria química e um farmacêutico.

No interior daquele mesmo laboratório comandou, por longos dezessete anos, experiências em ratos provenientes do Instituto Curie, de Paris. No início, constatou, com grande surpresa, que os seus ratos não desenvolviam a doença, não obstante o instituto parisiense lhe tivesse garantido de lhe ter fornecido ratos selecionados propositadamente para a sua pesquisa sobre tumores. Na realidade, havia uma diferença

fundamental entre os ratos pesquisados no laboratório francês e os criados na cozinha da doutora Kousmine: a alimentação.

Infelizmente, a doutora não dispunha de muito dinheiro e não podia alimentar os seus ratos com as caras rações utilizadas pelo laboratório parisiense. Obrigou-se, de fato, a usar sobretudo os restos de comida que conseguia encontrar como o milho e os refugos vegetais provenientes das fazendas da zona em que vivia.

Aqueles primeiros resultados levavam, portanto, a supor que o não surgimento de tumores nos ratos que também foram geneticamente predispostos a adoecer fosse devido justamente à sua alimentação.

Para averiguar esta intuição, a doutora Kousmine procedeu com método rigoroso. Separou os ratos em dois grupos e os alimentou de modo diferente: a um dava de comer só alimentos naturais, isto é, verduras frescas e milho, enquanto que o outro grupo era tratado com alimentos de laboratório. O novo experimento levou a resultado estarrecedor: no decurso de um mês, todos os ratos alimentados com alimentos de laboratório desenvolveram tumor, enquanto que os que foram alimentados com alimento natural estavam em perfeita saúde.

Ela mesma declarou ter tido necessidade de um pouco de tempo antes de poder aceitar os resultados da experiência, porque sentia-se ainda totalmente imersa numa visão tradicional da doença, que considerou difícil aceitar logo como bons resultados obtidos.

Justamente daqueles resultados, porém, surgiram as suas conclusões mais importantes. A doutora Kousmine se convenceu que a alimentação moderna e industrializada dos alimentos tivesse muito a ver com o aumento dos casos de tumor, inclusive nos doentes mais jovens.

Iniciou assim a observação sobre seus pacientes e fez outras experiências para compreender as correlações existentes entre alimento e desenvolvimento das doenças, estudando vários outros tipos de patologias, não somente o câncer.

O seu trabalho não foi compreendido pela comunidade médica daqueles anos e a doutora se confrontou mais vezes com a medicina oficial, cujos membros acabaram até por considerá-la personagem fora do normal.

Na realidade, ela nunca parou, não obstante as críticas recebidas. Os resultados conseguidos mediante as suas observações lhe davam razão e confirmavam as suas hipóteses sobre relação existente entre aquilo que os seres humanos comem e a sua saúde. Decidiu assim continuar com a sua pesquisa e começou a estudar populações diferentes das europeias. Observou, sobretudo, as populações asiáticas para entender diferença entre a alimentação oriental e ocidental.

De todas as suas pesquisas surgiu o chamado Método Kousmine, um regime alimentar baseado nos alimentos frescos e de estação.

A doutora estava convencida da existência de uma relação entre o desenvolvimento de algumas doenças e a ingestão constante de proteínas de origem animal e convenceu-se da importância de reduzir o consumo de carne, sobretudo vermelha. Poderá observar, de fato, que nos países nos quais o consumo de carne era muito elevado, as pessoas adoeciam com mais frequência, diferentemente dos países nos quais era pequeno o consumo de carne.

Todos os seus estudos a conduziam à elaboração de um método centrado num conceito muito simples: os homens devem voltar ao tipo de alimentação anteriores à industrialização em massa. O seu método prevê, por exemplo, a substituição das proteínas de origem animal (carnes vermelhas) por

proteínas provenientes dos cereais. Segundo a doutora, de fato, a carne seria substituída pelo peixe, comendo-o ao menos duas vezes por semana. Existem, porém, tipos de carnes que podem ser consumidas com moderação como o frango, o peru, o coelho e o cavalo.

Aprofundando a pesquisa, descobri que, segundo a doutora Kousmine, a origem das doenças deve ser atribuída a uma intoxicação de nosso intestino, causada pela má alimentação e pela constipação.

A solução, em seu parecer, consiste na desintoxicação, adotando uma alimentação sadia, capaz de colocar o corpo na condição de encontrar o equilíbrio perdido, precisamente como a alimentação que fora aconselhada a meu pai.

4.3 As recaídas psicológicas positivas de uma vida mais sadia

Muito impressionou-me a clareza da mensagem de Catherine Kousmine. A doutora sustentava que todos os doentes começam a perceber certo alívio no momento em que aceitam se tornar os principais responsáveis de si mesmos e no momento em que admitem mudar a própria alimentação, adotando algumas normas de vida sadia. Aquelas palavras simples me fizeram refletir porque relacionavam um estado psicológico com um estado físico e porque sublinhavam como a mente tem a capacidade de influenciar no andamento de uma doença que aflige o corpo.

Eu mesmo notei a veracidade das afirmações da doutora Kousmine, observando o comportamento e as reações de meu pai. Estávamos continuando com a nossa terapia e me dei conta de como ele se tinha tornado mais ativo e sereno. Durante os nossos passeios, pareceu-me quase sem pensamentos.

Aquele verão passou rapidamente e foi muito intenso. Eu pessoalmente, lembrarei para sempre o tempo transcorrido junto a meu pai.

Naquele período adotei uma nova atitude: decidi nada lhe perguntar. Satisfazia-me a simples observação para me dar conta que estava bastante bem. Com certeza, não estive isento de dúvidas e me perguntei mais vezes se aquilo que tinha à minha frente não fosse simplesmente aparência. Sentia-se, realmente, melhor? Ele, a seu modo e às vezes ocultamente, camuflava os seus estados de ânimo. Para saber como andava realmente a situação, devo me confiar em avaliações diretas. Perguntar a ele pouco adiantaria.

Após alguns meses, deveria se submeter a novos ajustes clínicos e então saberia como estava e qual era a condição do seu fígado.

Além do aspecto ligado à saúde, sempre pensei no período da terapia com a babosa e com a alimentação controlada como uma segunda ocasião para fortalecer a nossa ligação pai-filho.

Até ao verão do ano 2011, a relação com meu pai fora bastante conflituosa e estremeçada. A relação já se havia deteriorado durante a minha adolescência, porque eu, na realidade, sempre alimentara o meu desejo de independência e esta atitude me levou a não estar muito presente na família.

Durante aqueles meses de verão em que me dediquei à cura do tumor, parei para refletir. Queria e quero um grande bem a meu pai, mas fui também um jovem com notável vontade de crescer. A sensação, depois de ser considerado oficialmente de maior idade, induziu-me, com frequência, a me chocar com a figura paterna, provavelmente porque eu e meu pai somos de caráter muito semelhantes. Justamente foram os nossos choques a contribuir no decurso de meu afastamento,

mas a doença me advertiu que havia uma intensa necessidade de ajudá-lo e de estar-lhe próximo. Talvez, também fui motivado pelo pensamento que devia fazê-lo até enquanto tinha ainda possibilidade.

O tumor de meu pai fez aflorar tantas lembranças e uma, em particular, me levou ao dia da minha Primeira Comunhão.

Tratava-se de uma lembrança de muitos anos antes, no entanto, me atingiu pela sua vivacidade.

Revivi a sequência dos acontecimentos, da missa ao almoço no restaurante até entrar em casa para continuar a festa. Meu pai havia nos acompanhado e depois saído de novo para convidar alguns hóspedes que tinham permanecido no local.

Lembrei-me de toda a cena que antecedeu a tragédia. Eu brincava com meus amigos diante do meu novo Comodoro 64, quando me chegaram suaves sussurros. Na lembrança tive novamente a sensação que tivera como criança diante daquelas estranhas atitudes. Não só me dei conta dos rostos alterados dos adultos, de fato, tive um mau pressentimento e permaneci grudado na cadeira como se não quisesse saber o que havia acontecido.

Em seguida me deram a feia notícia: meu pai havia sido vítima de um acidente gravíssimo. Na prática, havia saído da estrada provocando a quebra do para-brisa.

Lutou entre a vida e a morte num leito de hospital durante alguns meses, com gesso que lhe imobilizava o tórax e uma perna e com a visão dificultado por duzentos pontos.

Aquela lembrança despertou também os meus sentimentos de criança. Depois do acidente havia desenvolvido o desejo de ajudar meu pai, aliado a outro também forte sentimento de culpa pelo acontecido.

Aquele sentimento de culpa permaneceu intacto por muito tempo, alimentado por um pensamento que amadureceu logo depois daquele trágico dia. Em poucas palavras, na época dos acontecimentos, pensei que se eu não tivesse feito a Primeira Comunhão, meu pai nunca teria lutado entre a vida e a morte no hospital. Estava convencido que era culpa minha se ele, naquele dia, fora obrigado a buscar os hóspedes no restaurante, acabando assim saindo da estrada.

A lembrança tão viva do acidente, aflorou naquele verão de perturbações emotivas, induziu-me até em pensar que havia chegado o momento de resgatar aquele sentimento de culpa que havia afligido a minha infância.

Este foi um dos tantos pensamentos confusos que agitaram aqueles meses, durante os quais acabei por chegar a uma simples conclusão: talvez não houvesse chegado nenhum momento para me redimir, talvez simplesmente não quisesse deixar que meu pai encontrasse um fim inelutável, o fim ao qual os médicos o haviam condenado quando se negaram operá-lo.

CAPÍTULO 5

OS EFEITOS DA TERAPIA

*Perguntei-me que secretas forças me sustentaram durante os meus longos jejuns? Pois bem, foi a minha inabalável fé em Deus, o meu estilo de vida simples e frugal e a babosa cujos benefícios descobri no final do séc. XIX, quando cheguei no Sul da África.
Mahatma Ghandi.*

5.1 Os primeiros resultados desde o início da terapia

Passado o verão, chegou o dia dos controlos rotineiros. Notamos no rosto dos médicos um certo estupor ao ver meu pai naquele estado de saúde e permanecemos ainda mais perplexos quando nos disseram somente que eram necessários outros exames e uma nova TAC.

Infelizmente não pude acompanhar meu pai ao retirar os novos exames e a minha ansiedade pelos resultados chegou a níveis quase insustentáveis. Nunca esquecerei o momento no qual me chamou no celular para me dizer que o tumor havia-se reduzido. A minha primeira reação foi de incredulidade.

Não consegui acreditar no que ouvia, sobretudo quando meu pai acrescentou que a massa tumoral passara de 9,5 para apenas 3,5 cm. Estava totalmente incrédulo e lhe pedi para ler tudo, palavra por palavra.

Na informação fazia-se referência a um particular problema surgido com o meio de contraste. O que significava?

Permanece muito duvidoso. Ouvindo-o ao telefone, não pude deixar de pensar que os médicos tivessem errado na transcrição ou que meu pai tivesse lido mal.

Meu pai, ao invés, estava entusiasmado e, verdadeiramente convencido da redução do tumor. Não queria que se iludisse muito e ao telefone caminhei com pés de chumbo, embora no meu coração estivesse, realmente, muito feliz em descobrir que aquele dado correspondia à verdade.

Quando, em casa, conferi com os meus olhos os exames e tive que concordar com ele. Efetivamente, estava descrita, preto no branco, uma redução de 6 cm da formação tumoral. Não consegui me entusiasmar muito, porém, porque continuava a dúvida referente ao problema com o contraste. Pressionava-me uma pergunta: o contraste podia ter influenciado nos resultados das análises?

Em todo caso, logo mais, tínhamos uma consulta com a sua doutora e esperava que ela nos esclarecesse melhor a situação.

Estava ansioso e procurava ocultar este meu estado de ânimo, na tentativa de infundir segurança a meu pai. Naquele momento fingir tranquilidade não foi, absolutamente, simples, admito-o.

Finalmente chegou o dia da consulta com a oncologista que, diante de nosso pedido de esclarecimentos, foi vaga e não nos deu uma resposta precisa. Como de costume, utilizou meias palavras que, em traços, resultaram pouco compreensíveis. No final, porém, confirmou o vazamento do líquido de contraste que havia ofuscado a TAC, tornando menos visíveis as formações tumorais pequenas. A massa grande de 9,5 cm, ao invés, era bem visível e efetivamente se havia reduzido.

Não podíamos acreditar e foi necessário algum segundo de silêncio, longo como a eternidade, antes que estivesse em

condições de entender totalmente. Na prática, a redução estava confirmada. Meu pai tinha um sorriso que lhe chegava até às orelhas e só me disse: “Eu te havia dito!”

Naquela altura, a doutora fez uma observação, que ofuscou o nosso entusiasmo. Segundo ela, não se devia excluir totalmente a hipótese de um diagnóstico inicial errado. Numa palavra, a seu parecer, era possível que aquela formação não fosse de natureza tumoral.

Abri os olhos e pensei que estivesse louca. Procurei entender o que queria dizer aquela afirmação e um pensamento logo veio à minha mente. Se a formação não era tumoral, podia se tratar de uma doença da qual meu pai teria conseguido se curar? Não estava entendendo mais nada.

Neste meio tempo a doutora começou a perguntar, o que nunca, até agora, havia feito.

Perguntou até se meu pai, nos últimos tempos tivesse viajado ao exterior, porque a sua doença podia ser uma patologia contraída em outro país.

Diante da resposta negativa sobre viagens ao exterior, disse-nos querer realizar novos exames de uma das amostras retiradas durante o exame histológico anterior, porque, segundo ela, aquela redução era anômala, sobretudo em consideração à ausência de terapias e tratamentos médicos.

Foi naquele momento que meu pai falou da babosa e do controle alimentar. Pareceu-me logo que a oncologista não prestou muita atenção ao que era dito, tanto é verdade que não acenou nem mesmo às possibilidades que o tratamento seguido por meu pai pudesse ter alguma influência na regressão do tumor.

A expressão do seu rosto dizia muito mais do que muitas palavras, assim como a perplexidade que deduzimos no tom de voz quando tomou a palavra depois da objeção de meu pai.

Percebi, porém, claramente algo: os conhecimentos científicos da qual dispunha não lhe permitiam, naquele momento, dar uma explicação ao acontecido.

Com efeito, foi desconcertante ouvir falar de dúvidas referentes ao diagnóstico e até de um provável erro.

Não pude deixar de refletir sobre a frase da oncologista; “Um tumor não pode regredir sozinho, talvez estejamos errados. Talvez não se trata de tumor”.

Eu e meu pai, no entanto, estávamos desesperados por todo aquele tempo em que percorremos a Itália à direita e em falta por um simples erro de diagnóstico? Eu tinha vivido em constante terror de perder meu pai por nada? Para não falar do tormento interior que o agitou, vítima do medo que todo dia pudesse ser o último.

Por um momento, estranhei tudo quanto acontecia no consultório médico e me concentrei só nos resultados da TAC, que falavam muito claro. No fundo, além da perplexidade da doutora, algo havia acontecido, e o mal do meu pai estava regredindo.

5.2 A babosa e a pesquisa científica

Os dias passavam e nos sentíamos sempre mais entusiasmados. Eu falava de regressão, enquanto meu pai estava tão contente que falava até de cura.

Procurei fazê-lo entender que o caminho a percorrer ainda era muito longo. Ele não estava curado completamente porque a formação tumoral não havia desaparecido totalmente; no mais, não podíamos cantar vitória antes de ter os resultados do novo exame histológico.

Não obstante as minhas cautelas, tive, de qualquer forma, a sensação que a notícia da redução seria quase um pequeno prêmio pelas noites passadas em branco diante do

computador à procura de um remédio para ajudá-lo. Pensei que talvez os nossos cuidados tinham uma interação positiva contra o tumor e não pude deixar de continuar a me dizer que estávamos no caminho certo.

Comecei também a especular que o caso do meu pai não seria tão isolado. Deviam existir seguramente outros casos de doentes sujeitos a uma regressão dos tumores sem a ajuda da quimioterapia tradicional, assim como deviam existir outras terapias para experimentar, a fim de obter ulteriores melhoras.

Entretanto, os médicos efetuaram o segundo exame histológico. Comunicaram-nos, porém, que, para maior segurança, haviam decidido requerer um segundo parecer ao melhor especialista de tumores de fígado da Itália. Fornecer-nos iam os resultados, portanto, só depois de ter recebido o parecer do professor ao qual se haviam dirigido.

Eu continuei a me perguntar: a possível melhora de meu pai seria atribuída a uma planta e à alimentação? Por que as fantásticas propriedades antitumorais da babosa não eram mais usadas? Existiam estudos que se haviam ocupado da babosa?

Decidi retomar as minhas pesquisas. Percorrendo o banco de dados dos artigos científicos PubMed, encontrei muitas coisas interessantes. Pesquisadores de todo o mundo haviam detectado as propriedades antitumorais da babosa e haviam dirigido experiências em diversos institutos universitários, tanto orientais como ocidentais.

Mas como podia eu conseguir controlar todos aqueles estudos?

De mais a mais, os artigos estavam escritos em inglês, língua da qual possuía pouco conhecimento. Visto o pouco tempo à disposição, devia concentrar-me só em número reduzido de pesquisas e, por óbvias razões, escolhi aquelas

realizadas na Itália. No fundo, as pesquisas italianas me permitiam usufruir de grande vantagem: poderia contatar mais facilmente os autores dos estudos.

Impressionaram-me, sobretudo, duas pesquisas. A primeira fora promovida pela Universidade de Pádua e a segunda pelo Hospital São Geraldo, de Monza.

5.2.1 O Aloé Emodina: a molécula antitumoral natural

A leitura dos artigos do PubMed me fez descobrir os extraordinários resultados de um grupo de pesquisa da Universidade de Pádua, empenhado no estudo dos tumores da idade infantil.

Estes pesquisadores haviam individuado uma molécula natural com capacidades antitumorais (antineoplásticas). A molécula em questão chama-se aloé-emodina (AE) e é extraída justamente da babosa.

Os experimentos dos pesquisadores de Pádua demonstraram que o AE está apto tanto para induzir à morte programada das células tumorais (experimento em vidro) como para reduzir a massa das formações tumorais (experimento nos animais).

Não só. A molécula desenvolve a sua ação de maneira seletiva. Isto significa que atinge e mata somente as células tumorais, deixando íntegras as saudáveis. Durante as minhas pesquisas, de fato, dei-me conta que um dos problemas sobre os quais se debruçavam os pesquisadores dizia respeito à ausência de seleção dos remédios empregados nos tratamentos tradicionais. A quimioterapia, por exemplo, atinge tanto as células tumorais como as células sadias.

Foi, portanto, com grande entusiasmo que li as notícias sobre o AE que, no que parecia, estava apto em salvar as células normais, atingindo somente as malignas. Esta capacidade da

molécula é definida como “tumor-específico” e no caso do AE se refere sobretudo às células da medula óssea e do trato gastrointestinal.

Os pesquisadores, além disso, apuraram que o AE resulta muito eficaz na cura de algumas formas de tumores, entre as quais o melanoma (tumor cutâneo), o neuroblastoma (tumor infantil) e o tumor dos pulmões.

Quanto mais lia, entre as mil dificuldades de compreensão da linguagem médica, mais permaneciam em mim impressos na mente os conceitos como a morte das células tumorais, a baixa toxicidade da molécula sobre os animais e a sua capacidade de reduzir os efeitos colaterais da quimioterapia.

Descobri também que a Universidade de Pádua havia registrado duas patentes e estava empenhada na experiência em criar um novo remédio antitumoral à base justamente do AE.

A existência de uma pesquisa daquele tipo foi importantíssima para mim, porque era a prova palpável do fato de que o mundo científico tomava seriamente em consideração a babosa como remédio para a luta contra o tumor.

5.2.2 A pesquisa do Professor Paulo Lissoni

A segunda pesquisa que atraiu a minha atenção foi a do Professor Paulo Lissoni, oncologista e endocrinologista de fama internacional e vencedor do prêmio do National Cancer Institute de Washington por suas pesquisas sobre o câncer.

Em 2009 o professor Lissoni chefiou um experimento sobre 240 pacientes doentes de câncer. As pessoas que participaram da experiência possuíam tumor nos pulmões, no cólon-retos e no pâncreas.

A intenção do professor era testar os efeitos da babosa que, na apresentação da pesquisa, era descrita como uma das

plantas mais importantes para a luta contra o câncer. Lendo, descobri que a capacidade antitumoral da planta, deve-se à ativação de três propriedades diferentes: antioxidante, imunoes timulante e antiproliferativa. Seriam, por isto, estas três qualidades da babosa a permitir-lhe agir nas formações tumorais.

O experimento do Professor Lisson durou três anos, durante os quais os pacientes consumiram 10 ml de babosa por via oral, três vezes ao dia. A babosa foi ministrada junto com a quimioterapia. O professor subdividiu em dois grupos de voluntários. Alguns pacientes receberam o tratamento experimental à base de quimioterapia e a babosa e outros foram submetidos somente à normal quimioterapia.

No final dos três anos de experiência, o Professor Lissoni notou que o percentual de regressões tumorais era muito maior entre os pacientes que haviam tomado a babosa. Não só, a esperança de vida destes últimos estendeu-se por mais de três anos.

Ao ler as conclusões do estudo, me entusiasmei ainda mais. O Professor Lissoni escrevia que os resultados da sua experiência o levavam a afirmar que a babosa podia ser associada com sucesso à quimioterapia com o objetivo de aumentar a eficácia, tanto em termos de regressão tumoral como em termos de anos de sobrevivência dos pacientes.

5.3 A hipótese da intervenção cirúrgica

As duas pesquisas que encontrei me deixaram eufórico porque consegui, finalmente, colher provas médico-científicas sobre a eficácia da babosa na cura do câncer. Parecia-me ter encontrado um tesouro e logo registrei em dois artigos.

Quase senti o dever de divulgar as informações que dispunha e procurei falar com as pessoas mais queridas, aquelas nas quais colocava maior confiança. A questão era, sem dúvida,

delicada e muito me atingiu a reação das pessoas às quais comuniquei o que havia descoberto.

As pessoas estavam admiradas, reação compreensível, mas também incrédulas. Não obstante lhes mostrasse as pesquisas que havia encontrado e os resultados da TAC que testemunhavam a redução do tumor do meu pai, quase ninguém me dava crédito. Na realidade, todos tentavam me esconder o ceticismo, mas eu, mesmo assim, o percebi.

No fundo, como culpá-los? Eu mesmo tivera dificuldades, inicialmente, em acreditar. A regressão do tumor de meu pai entra, sem dúvida, entre aqueles casos pelos quais vale a clássica afirmação “estranho, mas verdadeiro”.

Aquelas reações me fizeram refletir, mas não me induziram a desistir. O meu desejo de divulgação, de fato, era tal, a ponto de me pressionar a falar até com um jornalista. Deixei-lhe até fotocópias da documentação que continha os resultados das minhas pesquisas, mas ele não se importou. Toda aquela desconfiança me pareceu tão estranha e surreal, mas não tive o tempo em pensar mais, porque recebemos o chamado dos médicos.

Era janeiro de 2012 e, em família havia uma grande expectativa para aquele encontro. A pergunta que todos nos colocavam era só uma: a formação é ou não um tumor no fígado?

Francamente, não sabia qual diagnóstico deveríamos considerar como boa notícia. Se se tratasse de um câncer, tínhamos um caminho a percorrer já iniciado e que dera bons resultados. Se, ao invés, se tratasse de outra doença? E se fosse uma doença rara e incurável com os mesmos sintomas de um tumor?

Encontramo-nos de novo diante dos médicos, que nos confirmaram o correto diagnóstico inicial. O exame histológico

havia tirado todas as dúvidas e a formação de meu pai era, sem sombra de dúvida, tumoral.

O meu primeiro pensamento foi de uma simples constatação: a formação tumoral havia se reduzido sem nenhuma intervenção nem cirúrgica nem farmacológica. Tal consideração me induziu logo a fazer uma pergunta aos doutores sobre a babosa. Queria saber se a planta seria responsável pela regressão do tumor, mas a resposta foi decepcionante, porque os médicos sustentaram não ter os instrumentos científicos para poder afirmá-lo.

Quase tive a impressão que a minha pergunta não tivera nenhum peso naquele momento, porque mudaram logo de assunto e nos propuseram, de repente, a operação cirúrgica. Disseram-nos não poder ignorar a mudança acontecida no quadro clínico de meu pai, mudança que tornava possível a cirurgia.

Não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Inicialmente haviam rejeitado a cirurgia, obrigando-nos a girar pela Itália à procura de algum oncologista disposto a intervir e, agora, ao invés, eram eles próprios a querer operá-lo.

Observei isto aos médicos, porque me parecia absurdo que estivessem pedindo para avaliar uma hipótese que eles mesmos, meses antes, não queriam levar em consideração nem mesmo no futuro. Responderam-me rebatendo que o quadro clínico havia mudado e que, de mais a mais, a grande redução da massa tumoral e a sua posição tornavam mais simples o processo de sua remoção.

Aquelas respostas não me convenceram. O quadro clínico havia mudado, o tumor regredira, mas e o resto? Os seus problemas de saúde geral continuavam ainda os mesmos, perguntei-me, então, por que, no momento do diagnóstico, não fora prescrita ao menos uma terapia.

Meu pai não havia recebido nenhum tipo de assistência médica, nem mesmo psicológica, para combater o tumor. No entanto observei que estava pendurado mais nos lábios da doutora. Pareceu-me muito impressionado e falou quase como se já tivesse tomado uma decisão. Disse à oncologista que, se se tivesse submetido à intervenção, queria todas as garantias possíveis.

A doutora lhe assegurou. A equipe médica o teria submetido a toda a preparação de praxe e teria efetuado também todos aqueles acertos necessários do seu particular estado de saúde.

Não pude deixar de objetar que as reservas na intervenção derivavam justamente dos seus problemas de saúde já conhecidos (diabete, marcapasso, cirrose) e que, de qualquer forma, queria ter todas as informações sobre como pensavam intervir nas outras metástases hepáticas.

Fiz mais uma pergunta à doutora: queria saber se a operação teria resolvido o problema completamente. Ela admitiu que a intervenção poderia resolver 100%, mas sentia o dever de propor isto como alternativa. Rebati que competia a nós fazer todas as avaliações do caso.

5.4 A escolha definitiva entre a medicina tradicional e as terapias alternativas

Depois de sair do consultório médico, percebi que meu pai já fizera a sua escolha. Às minhas perguntas sobre a intervenção e sobre suas intenções, me respondeu com um simples: “Se o dizem os doutores!”, o que era uma declaração de intenção.

Naquele momento lhe disse que devia refletir sobre o fato que aqueles mesmos médicos o haviam abandonado ao seu destino, sem nem mesmo propor-lhe uma alternativa. Ele

me respondeu que continuaria com a babosa e a alimentação controlada, acrescentando que queria refletir muito bem sobre a questão da intervenção. Foram estas suas palavras que me confirmaram o que no seu coração havia decidido.

Eu, ao contrário, tinha medo e não estava totalmente tranquilo, porque não conseguia fazê-lo entender o meu ponto de vista. Percebi que a sua escolha dependia, essencialmente, da autoridade que reconhecia nos médicos e que não podia reconhecer a minha. Como censurá-lo! De fato, eu não sou médico.

No entanto não me resignei, porque não queria, absolutamente, que corresse riscos. O ponto de vista dos médicos era clínico, enquanto que o meu estava condicionado ao aspecto afetivo. Incomodavam-me muitas perguntas: o seu coração estaria em condições de suportar uma intervenção? Quais influências poderia ter a diabetes sobre a operação?

Estava preocupado porque, às vezes, a meu pai bastava apenas quatro passos para causar-lhe problemas. Uma constituição física como a dele aguentaria uma intervenção delicada no fígado e o sucessivo tempo pós-operatório?

E por fim havia a segurança da oncologista em favor da operação que eu não conseguia entender e que me enervava. Por que os médicos agora tinham toda a pressa do mundo para operá-lo?

E por que queriam intervir num tumor que estava regredindo?

Sabia que a decisão competia a meu pai, como era o certo, porque a vida era sua e ele tinha todo o direito de escolher a intervenção. Eu só queria explicar-lhe todas aquelas dúvidas que me assolavam e me impediam de participar do seu otimismo, embora compreendesse muito bem o seu estado de ânimo. Depois de meses de vã procura de um oncologista

disposto a operá-lo, agora se encontrava diante de médicos dispostos a intervir. Como reprovar o seu entusiasmo?

A única atitude que me parecia realmente positiva era a possibilidade de escolha que nos tinham concedido. Os médicos, de fato, se haviam mostrado compreensíveis em relação à nossa perplexidade e convidaram-nos a pensar com calma, embora nos houvessem recomendado não deixar passar muito tempo.

Sabia eu que meu pai não tinha absolutamente necessidade de pensar e que tudo já parecia decidido; no entanto experimentei novamente estranha sensação premonitória, como se a vida quisesse nos dizer algo ou como se estivesse por acontecer algo de inacreditável. Tudo me pareceu confirmar aquela minha sensação, até o tempo. Em Roma, de fato, a neve caía intensamente, o que não acontecia há muitos anos.

No final, não obstante o meu parecer contrário, meu pai decidiu aviar todos os procedimentos para a intervenção e iniciou falando com o cirurgião. O médico lhe comunicou que desejaria iniciar o mais rápido possível a hospitalização, de modo que pudesse efetuar os procedimentos necessários em tempo, inclusive uma nova TAC.

Falamos também com o anestesista, o qual não nos escondeu o perigo da operação, acentuado, a seu parecer, pelo estado de saúde geral de meu pai. Definiu-a como “operação de altíssimo risco”, por causa justamente da diabete e da cardiopatia. Afinal de contas, a possibilidade que não conseguisse superar a intervenção persistia e isto me preocupava ainda mais, vistas as minhas dúvidas já existentes. Não podia fazer nada, mas o fato de que o tumor estava se reduzindo continuava a me causar perplexidade sobre a operação.

Continuei a pesquisar e desta vez li tudo aquilo que encontrava sobre a operação e seus riscos. As minhas pesquisas

não foram de grande ajuda para me tranquilizar. O risco da recaída continuava de pé também depois da intervenção que, no que entendi, não era considerada fácil para nenhum tipo de paciente.

Neste meio tempo, as análises avançavam e meu pai me descreveu a fase preparatória com uma típica expressão romana: “Estão me revirando como uma meia”. Enfim, as análises foram particularmente precisas, o que muito me agradaram. Li aquela atenção como sinal do fato de que os médicos tinham levado muito a sério a situação, embora eu continuasse a pensar nas palavras do anestesista.

Neste meio tempo chegara o dia da convocação para os resultados da última TAC. Disseram-nos algo que nos deixou completamente perplexos. O exame evidenciou uma ulterior redução do tumor. Eu e meu pai nos emocionamos. Li o relato e me encontrei diante de um dado que era inacreditável: o tumor reduzira-se em apenas 2,5 ml.

A própria doutora teve um momento de perplexidade, mas depois nos explicou que houvera um erro de transcrição, do qual se havia dado conta lendo os resultados no seu computador. Tratava-se de centímetros e não de milímetros.

Na prática, a massa tumoral maior se havia reduzido de um cm, passando de 3,5 a 2,5 cm. Esta vez, no mais, a redução havia atingido também as formações menores.

A oncologista nos disse que uma das formações não era nem mesmo mais visível pela TAC. Explicou-nos que o aparelho registra as formações do tamanho também de poucos milímetros. As células, porém, se medem em micron (unidade de medida igual a um milésimo de milímetro) e, portanto, era possível que a formação não mais visível à TAC ainda estivesse presente, embora não perceptível.

Não obstante ulterior redução, porém, o seu parecer permanecia sem alteração. Segundo a oncologista, era preciso partir para a operação. Não entendia porque intervir num tumor que estava regredindo daquela forma, com o risco de causar algo do qual não se podia prever as reações.

Meu pai não concordava comigo. Ele já havia tomado a decisão de se operar e não queria mudar de ideia.

Eu estava sempre mais convencido em esperar, mas, ao mesmo tempo, não queria insistir muito e influenciar numa decisão tão delicada e pessoal. Propus um adiamento, mas os médicos foram contrários, visto também que todos os procedimentos já tinham sido realizados.

Meu pai, entretanto, havia se tornado inflexível e nada ajudaria chamar atenção sobre o fato de que a massa se havia reduzido consideravelmente e que algumas metástases haviam, até desaparecido, somente com a administração do remédio do Padre Romano Zago. Todas as minhas palavras não pareciam surtir efeito e ele me repetia só as palavras do médico: “A massa tumoral se reduziu muito e agora é operável”.

Esforcei-me para manter a calma, mas, realmente, estava muito confuso. Assaltou-me até o temor de que a minha atitude amedrontasse meu pai a ponto de induzi-lo a uma situação de maior vulnerabilidade, o que teria podido também provocar uma diminuição de suas defesas de imunidade. Na verdade, estava em pânico.

Faltava um último encontro com o anestesista e coloquei nele todas as minhas esperanças. Desejei-me que pudesse realmente esclarecer a meu pai o perigo da intervenção e, visto que o procedimento era iminente, deixei de insistir.

Quando, finalmente, estávamos no hospital, o anestesista explicou de novo a meu pai o perigo da operação, confirmando o que já havia referido no encontro anterior. Observei

meu pai e me pareceu que tivesse compreendido, naquele momento, o altíssimo risco da intervenção. Tomei assim novamente a decisão de dissuadi-lo, mas me dei conta de que as palavras do cirurgião continuavam a levar a melhor sobre ele.

Num certo momento, o anestesista lhe apresentou a autorização à anestesia. Disse-me que aquela era a última chance, o último momento no qual poderia mostrar alguma dúvida. No fundo, colocando-lhe na mão aquela caneta, o anestesista lhe havia também passado a plena responsabilidade de suas ações.

Esperava, realmente, num repensar do último segundo, mas meu pai ficou firme em permitir a intervenção que fora marcada para 9 de março de 2012.

Apesar de tudo já estar decidido, procurei convencer-me que a firma da permissão não seria, realmente, traduzida em operação. Não queria render-me à evidência e, enquanto saía do hospital com ele, pensava já o que poderia fazer no pouco tempo que me restava para mudar-lhe a ideia. Infelizmente, porém, faltava só uma semana à operação.

Em família todos estávamos contra a intervenção e meu pai começava a alterar-se logo que alguém voltava ao assunto. Naqueles dias me encontrei justificando sua decisão. No fundo, quem deseja manter uma massa tumoral no próprio corpo quando te propõem um caminho para te livrar dela? Meu pai tinha tomado a sua decisão e não queria voltar atrás, porque a operação era a solução mais rápida para resolver o problema.

O meu dilema, porém, persistia e, substancialmente, era este: deixaria que se operasse, com todos os riscos? Ou faria uma última tentativa para procurar mudar-lhe a ideia?

Consultei-me com as únicas pessoas que haviam mostrado interesse pela minha história e que, naquele período, me foram de grande ajuda também nas minhas pesquisas médicas. Foram elas – Andreia, Federica, Anna, Roberto e Maurício – a

sugerir-me publicar, em rede social, um vídeo no qual narrava toda a história da doença, do primeiro diagnóstico às curas alternativas com a babosa, até à regressão do tumor. O objetivo era sensibilizar meu pai e ajudá-lo a ter um quadro mais completo da sua situação através das reações do vídeo. Esperávamos, isto é, que os usuários da rede, vendo-o, nos fornecessem os seus testemunhos, passando a meu pai um ulterior ponto de reflexão.

Decidimos falar também do remédio à base da babosa, do Padre Romano Zago, com a intenção de, ao mesmo tempo, prestar um serviço de informação.

O vídeo deveria documentar a regressão da massa tumoral de meu pai por ter assumido o tratamento do Padre Zago, na esperança que outras pessoas pudessem testemunhar em favor da babosa e contribuir assim a suspender a operação.

Realizamos o vídeo rapidamente e o meu amigo Maurício o publicou no YouTube, onde ainda se encontra acessível. Nunca deixarei de agradecer a ele e a todos os demais pela ajuda que me deram naquele momento.

O primeiro dia transcorreu sem nenhuma reação por parte dos ouvintes e assim me decidi a partilhar o vídeo também na minha página do Facebook. Finalmente, no segundo dia recebi uma mensagem. Minha prima escreveu-me, declarando-se contrária à intervenção. Começou assim a correr de boca em boca, de minha prima até ao meu tio, irmão de meu pai.

A iniciativa do vídeo havia-se revelado positiva, também porque suscitou reações diferentes com respeito àquelas provocadas inicialmente pelos dados das minhas pesquisas. As pessoas que o viram manifestaram um ceticismo menor. Percebi que a visão das imagens dos exames clínicos, com as análises que testemunhavam a regressão do tumor, influenciaram muito nas respostas de quem viu o vídeo.

Meu tio, por exemplo, ficou tão impressionado, favoravelmente, pelo vídeo a ponto de convencer meu pai a não se operar e a continuar com o tratamento do Padre Zago.

Quando comunicamos ao médico a nossa decisão, a sua reação foi um misto de incredulidade e de surpresa. Na realidade, causou um mal-estar por aquele nosso repentino voltar atrás, justamente quando tudo estava preparado para a intervenção.

O cirurgião não queria aceitar e nos chamou três dias antes da data prevista para a operação. Tentou, pela última vez, convencer-nos e acolheu-nos com um discurso muito apropriado, intercalado de palavras bastante dramáticas. Foi, então, que constatei a convicção de meu pai. Tive a impressão que estivesse muito seguro da decisão tomada e me admirei com tanta segurança, visto que, até há pouco tempo antes, havia-se declarado muito convencido em querer operar-se. Não obstante aquela tentativa, meu pai não voltou atrás, e a operação foi descartada.

Tudo aconteceu exatamente como eu queria; no entanto assaltaram-me sentimentos contrastantes. Por um lado, estava muito contente, por outro, preocupado, porque tinha tido uma grande influência naquela importantíssima decisão.

Naquele preciso instante, percebi realmente aquilo que estávamos fazendo e da grande responsabilidade que assumira.

CAPÍTULO 6 O ESTILO DE VIDA

*Quando tratas duma doença podes
vencer ou perder. Quando te
comprometes a curar uma pessoa, sem-
pre vences.
Patch Adams*

6.1 A influência dos estilos de vida sobre o tumor

Depois de ter tomado a importante decisão de cancelar a operação, sabíamos não poder mais errar em nenhum momento.

Eu, realmente, estava convencido da escolha em favor das curas alternativas; no entanto me sentia quase um visionário louco disposto “brincar” com a vida do próprio pai.

De acordo com os médicos, combinamos que meu pai, de qualquer forma, continuaria a manter sob controle o seu quadro clínico com análises e visitas periódicas, para assegurar-nos que a situação nunca fugisse da mão.

Tomamos também a decisão de aumentar a dosagem do remédio do Padre Zago e nos comprometemos a caprichar na administração diária da babosa. Infelizmente, aconteceu que o intervalo entre uma ingestão e outra do tratamento se ampliasse além do tempo recomendado.

Depois do cancelamento da operação, porém, não mais podíamos nos permitir distrações de qualquer tipo. Devíamos melhorar também a alimentação e retomei as pesquisas, com a

intenção de encontrar outros estudos sobre a relação existente entre tumor e regime alimentar.

Concentrei-me no aspecto nutricional, porque já considerava a babosa uma espécie de superalimento, rico em vitaminas, antioxidantes, sais minerais e aminoácidos essenciais com propriedades antitumorais.

Às vezes, durante as noites diante do computador, tinha quase a sensação de ser um arqueólogo à procura de um tesouro escondido. Finalmente, após muitas noites em branco, encontrei algo muito interessante sobre o genoma humano.

Deparei-me com uma pesquisa denominada Sequenciamento do Genoma e descobri, entre outras coisas, que se tratava de um projeto científico já concluído. Os pesquisadores haviam trabalhado por treze anos e acabado o sequenciamento em 2003, graças também ao sustento de nosso Prêmio Nobel Renato Dulbecco.

Explicar do que se trata não é muito fácil. Na prática, o genoma é o conjunto de todas as informações biológicas depositadas na sequência do nosso DNA. Trata-se de todas aquelas informações que possibilitam a própria vida dos seres humanos.

O projeto do sequenciamento consiste no mapeamento do genoma, graças ao qual os cientistas podem orientar pesquisas mais aprofundadas sobre o funcionamento do corpo humano e analisar os aspectos que identificam o homem e os outros seres vivos. Não só, mas o sequenciamento é considerado fundamental para entender melhor como e porque adoecemos.

Continuando nas minhas leituras, descobri que os estudos sobre o genoma permitiram aos pesquisadores dar muitos passos adiante também no campo da luta contra os tumores.

Até aquele momento sempre acreditara que doenças, como o câncer, estivessem, de alguma forma, escritas em nosso DNA. Na prática, adoecemos e não podemos evita-lo, visto que a doença é uma consequência genética.

Naquelas noites de contínuas descobertas, ao invés, me deparei com uma coisa totalmente nova para mim. O sequenciamento trouxe aos pesquisadores estabelecer uma relação entre a doença e o ambiente interno e externo ao homem.

Na prática, os genes, responsáveis pelo tumor, recebem sinais específicos, que provém do ambiente nos quais se encontram as células. Estes sinais têm como consequência a ativação dos genes e o conseqüente surgimento da doença.

O ambiente das células do qual partem as mensagens de ativação, porém, é influenciado pelo ambiente no qual vivemos e pelos nossos comportamentos quotidianos. Isto significa que quanto pior é o ambiente mais alto é o risco que os genes responsáveis do câncer se ativem.

Alimentação e estilo de vida (ausência de atividade física, abuso do álcool, fumo, obesidade, longa permanência em terrenos muito poluídos) influenciam no desenvolvimento da doença, como demonstram também as altíssimas taxas de mortalidade pelo tumor entre as pessoas que vivem nas proximidades da Terra dos Fogos ou próximos da fábrica da ILVA, em Taranto. É a terrível poluição destes territórios que criam um habitat desfavorável para a saúde do homem e favorável ao desenvolvimento das células tumorais.

Não sou médico, mas aquelas conclusões científicas, me pareceram bastante lógicas e, no meu caso, encontraram uma relação também à situação que lhe tinha sob os olhos.

A pesquisa sobre o genoma, de fato, contribuiu para me abrir novo caminho. Finalmente, havia encontrado um estudo internacional que confirmava ulteriormente o que era e

descobriria até aquele momento na relação entre estilo de vida, alimentação e tumor. Estava entusiasmado e pensei que, se o ambiente influenciava na doença, talvez também pudesse influenciar na cura.

O que me alegrou era a ideia que aquela pesquisa me desse, de alguma forma, razão. Todas aquelas novas descobertas me tornaram mais positivo, porque parecia-me que a ciência tivesse possibilidade concreta de descobrir a causa do câncer. Pensava que havia uma chance para individuar a origem da doença, devia, forçosamente, existir uma chance de encontrar também a solução terapêutica para aniquilá-la.

Aquela esperança, reforçada pelas minhas últimas pesquisas, aumentou a vontade de continuar a lutar. Comecei assim a refletir sobre causas que poderiam alterar as condições de meu pai e curá-lo. Pensei logo na cirrose hepática da qual sofria há anos e que fora provocada pelo consumo de álcool e por uma dieta errada. Talvez, o abuso contínuo de carne, laticínios, embutidos e massa impediram o correto descarte das toxinas, que contribuíram para “poluir” o seu organismo.

Como ajuda ao meu raciocínio, também, aconteceu a melhora encontrada nele logo depois da adoção do regime alimentar mais controlado.

Logo que mudamos a dieta, começando a comer fruta e verdura da época, a sua saúde havia mudado para melhor e as suas defesas imunológicas aumentaram.

Estávamos, assim, convencidos que a mudança alimentar ajudou o seu corpo a reagir melhor, a ponto de otimizar ainda mais a sua alimentação.

Meu pai começou a estar muito mais atento à qualidade dos alimentos e até se meteu a controlar a sua procedência. Contatou diretamente agricultores e levou em consideração também os Grupos de Compra Solidária (GAS), de modo a estar

seguro de que os produtos que comprava e consumia eram novos e da época certa.

Compramos até um extrator de sucos, que se tornou uma bela descoberta para todos nós. Não se trata, de fato, nem de uma centrífuga nem de um liquidificador, mas de um aparelho que extrai o suco a frio, com um procedimento que se assemelha àquele da extração do azeite de oliva. Graças justamente à extração a frio, as substâncias nutritivas da fruta e verdura não sofrem alterações, e os sucos são mais saudáveis.

Colocávamos dentro a fruta e a verdura e acionávamos o extrator, que moía tudo em baixa velocidade e permitia ter um suco rico de sais minerais e vitaminas. Na prática, tornava-se um integrador natural com todos os efeitos.

6.2 A pesquisa do Professor Franco Berrino

Quanto mais aplicávamos a alimentação como “terapia” para meu pai, mais crescia a minha surpresa. Perguntava-me como nunca nenhum médico, aos quais havíamos consultado, nos tivesse aconselhado a seguir, com maior atenção, a sua dieta diária e por que não existia um protocolo alimentar para os doentes de tumor.

Muitas pesquisas, de fato, recomendavam alimentação específica como forma de prevenção para os tumores. Não me parecia, porém, que se dedicava a mesma atenção à alimentação como terapia. Pensei que talvez existissem os pressupostos para reescrever os textos da medicina sobre este assunto ou ao menos para aprofundá-lo, começando por considerar a alimentação senão como uma terapia ao menos como meio para beneficiar os pacientes.

Continuei a pesquisar até me deparar com uma pesquisa que me chamou muita atenção: o Projeto Diana, do

Professor Franco Berrino, do Instituto Nacional dos Tumores, de Milão.

Entre outras coisas, as células alteradas do câncer possuem a capacidade de se suicidar e esta atitude é facilitada pelo ambiente não adaptado à sua sobrevivência. Para criar este habitat hostil o professor sugere, por exemplo, manter baixos os níveis tanto da glicemia como da insulina.

Segundo o professor, de fato, as pessoas com níveis altos de glicemia tendem a adoecer mais, porque o tumor exige muito açúcar para proliferar. Por este motivo é preciso ajudá-las a manter baixa a concentração de glicose no sangue.

Para baixar, é só evitar o consumo de farinhas refinadas (0 e 00), pão branco, doçuras industrializadas, açúcar, xarope de glicose, batata e fruta muito doce, e todos os produtos refinados que acidificam o organismo. No lugar dos alimentos acima elencados, é preferível comer, com regularidade, legumes, peixes, verduras, sementes, frutas oleaginosas (nozes, avelãs, pistácias e amêndoas) e cereais integrais, que desenvolvem importante ação anti-inflamatória.

Para manter baixa a insulina, ao invés, sugere evitar o leite e os alimentos de alto teor de gordura, como salame, carnes vermelhas e queijos.

A fruta e a verdura são recomendadas, mas não todas as variedades. Berrino não tem nenhuma dúvida sobre a importância da ingestão diária de verduras, legumes, frutas cítricas e outras frutas, por pessoas saudáveis. Também considera este costume alimentar como importante método de prevenção da doença.

No caso, porém, de pessoas já doentes de câncer, faz uma distinção entre variedades aconselhadas e variedades desaconselhadas. As células tumorais, de fato, anseiam por poliaminas, substâncias orgânicas que favorecem a proliferação

celular e, por conseguinte, a expansão da doença. Infelizmente, algumas espécies de fruta e verdura contém estes compostos orgânicos em quantidade superior a outras.

Não obstante a ausência de estudos clínicos sobre a relação entre fruta e câncer, o professor prefere, de qualquer forma, desaconselhar os doentes ao consumo de todas aquelas frutas e verduras ricas de poliaminas, como as laranjas, os tomates, as beringelas, os pimentões, as bananas e os kiwi.

Aos doentes de câncer ele recomenda, ao invés, as frutas vermelhas e as maçãs, ambas pobres de poliaminas.

Na realidade, o número de alimentos adequados é bastante grande e inclui também os alimentos ricos de ômega-3, como as sementes de linho, a soja, as ervas selvagens e as cebolas. Trata-se, de fato, de alimentos muito úteis pelas suas propriedades anti-inflamatórias.

Durante a leitura, deparei-me também em outro aspecto ligado à alimentação: excesso de peso. Segundo o professor, as pessoas com peso superior ao normal adoecem mais facilmente do que aquelas com peso normal. Por este motivo, o professor recomenda ficar atentos, sobretudo à barriga, porque a gordura abdominal é a mais perigosa para os doentes de tumor.

Para evitar engordar em excesso, as pessoas deveriam se movimentar todos os dias, reduzindo o mais possível o número de horas sentadas. Segundo o professor, de fato, quem se exercita fisicamente, com regularidade, tende a adoecer menos. Existem estudos para demonstrar, orientados sobre doentes de câncer no cólon e de câncer de seio. Não só isso, mas as pessoas doentes que se exercitam regularmente estão destinadas a prognósticos melhores.

Nas opiniões do Projeto Diana, a atividade aconselhada é um simples passeio diário caminhando pelo menos 30

minutos sem parar. Quem não gosta de caminhar pode fazer uma hora de academia ou praticar um esporte um dia sim e outro não.

O Professor Franco Berrino, de qualquer forma, não é o único a pensar deste modo, porque as suas recomendações coincidem, perfeitamente, com aquelas dos pesquisadores do Fundo Mundial para a Pesquisa sobre Câncer (WCRF, World Cancer Research Fund).

6.3 A importância da água com resíduo fixo muito baixo

Quando meu pai se submeteu aos seus procedimentos periódicos, a doutora lhe mostrou as costumeiras análises de rotina e uma ecografia.

Devo admitir que, felizmente, os médicos continuaram a seguir o caso de meu pai com atenção e não nos abandonaram, não obstante a nossa decisão em não realizar a operação.

Infelizmente, porém, meu pai continuava a ter valores não positivos e os doutores decidiram prescrever-lhe ferro.

Sabia que entre os fatores que influenciam os nossos genes estão incluídos também o ar que respiramos e a água que bebemos. Para melhorar a qualidade do ar, não podia fazer nada, mas podia, sem dúvida, agir para melhorar a água, escolhendo, com maior atenção, a água que meu pai bebia.

Pesquisei e cheguei à conclusão que tínhamos diante de nós duas possibilidades. Podíamos comprar um aparelho para purificar a água da torneira ou escolher água em recipiente mais adaptado a um doente de câncer.

Optamos pela segunda alternativa e deparamo-nos logo diante de certa dificuldade, porque a variedade de águas em recipientes era muita.

Aprofundando, ulteriormente, me dei conta, porém, que havia um aspecto a controlar com maior atenção referente

aos outros e era aquele relativo ao resíduo fixo. Bastava separar uma marca de água com resíduo fixo muito baixo.

Aprendi que o resíduo fixo indica a quantidade de sais minerais presentes na água, depois da sua completa evaporação a 180 graus, e é expresso em milímetros por litro. Quanto mais baixo o resíduo fixo, mais a água favorece a purificação do organismo das toxinas acumuladas. Estas últimas, de fato, criam um ambiente interno ácido e provocam um aumento do stress oxidativo.

Pouco sabia sobre o stress oxidativo e tive que realizar outras pesquisas antes de entender que se trata do desequilíbrio existente entre a produção e a disposição dos radicais livres, quer dizer, dos produtos de descarte que se formam no interior das células durante os processos de transformação do oxigênio em energia.

Um ambiente muito ácido e forte stress oxidativo provocam condição de falta de equilíbrio que pode ter, por sua vez, diferentes consequências negativas. Li que, entre os efeitos não positivos, estavam incluídos grande diminuição e defesas imunológicas, e o envelhecimento celular está inserido entre as prováveis causas de tumor e é objeto de diversas pesquisas médicas.

Não escondo que alguns aspectos científicos foram difíceis de entender, mas algo me pareceu logo claro naquele momento: era preciso indagar sobre quanto era ácido o ambiente no organismo de meu pai e precisava também apurar se estava sujeito ou não ao excesso de radicais livres.

Tudo o que li sobre stress oxidativo me fez considerar a nossa terapia sob outro ponto de vista. O novo objetivo que devíamos nos colocar com a alimentação, o estilo de vida e a água, era reparar os eventuais desequilíbrios que surgiram no organismo do meu pai para poder reforçá-lo.

Ele decidiu realizar novas análises mais acuradas.

6.4 Um testemunho encorajador sobre a babosa

Justamente enquanto realizávamos as análises e as tentativas para melhorar as condições de meu pai, aconteceu algo, realmente belo. O vídeo que postara no YouTube, com a história do seu tumor, nos alegrou com um testemunho importante.

Silvana, do Meetup, de Roma, o viu e me disse conhecer muito bem os proprietários de um viveiro de Fondi, na Província de Latina, onde a babosa era cultivada. Justamente era a fazenda da qual nós comprávamos a babosa para o nosso preparado caseiro.

Na realidade, o interessante não era o cultivo da babosa, mas a história de Joaquim e de sua mulher Antonieta, os proprietários do viveiro (da plantação). Os dois sempre tinham trabalhado como agricultores dedicando-se à produção de fruta e verdura.

De repente, com seus trinta e oito anos, Joaquim começou a sentir fortes dores nas pernas. Estes incômodos pioravam sempre, mas com o passar dos dias, marido e mulher, decidiram consultar um médico. Infelizmente, foram obrigados a consultar mais do que um especialista, sem conseguir ter um diagnóstico preciso.

Os doutores colocaram diversas hipóteses. Havia quem falava de uma inflamação e quem pensava poder se tratar de problema de circulação. Foram tentadas terapias, mas, infelizmente, nenhuma parecia dar alívio ao pobre Joaquim. No entanto, as pernas começaram a apresentar uma cor violácea e o pobrezinho não mais conseguia nem se mover nem trabalhar.

A mulher, Antonieta, por mais que tentasse, não conseguia realizar todo o trabalho nas estufas e os dois decidiram, como coração partido, alugar parte das suas estufas.

Entre as várias propostas de aluguel, chegou também a de uma associação, interessada a divulgar o uso oficial da babosa. Os membros da associação local escolheram a fazenda agrícola de Joaquim e Antonieta, em virtude da sua localização. As estufas, de fato encontram-se numa localidade marinha e ensolarada, caracterizada pelo habitat e pelo clima perfeito para favorecer a plantação e o crescimento da babosa.

Os representantes da associação estavam tão seguros das propriedades curativas da babosa a ponto de convencer Joaquim a utilizá-la como remédio do Padre Romano Zago, para curar as suas pernas.

Joaquim decidiu experimentar e prometeu que, no caso de êxito positivo, permitiria à associação usufruir as estufas por um ano sem pagar nenhum aluguel. Pois bem. Joaquim começou a tomar o preparado do Padre Zago, três vezes ao dia e sentiu as primeiras melhoras já depois de uma semana. Depois de dois meses, as pernas se desinflamaram, voltando ao normal. Joaquim, porém, não deixou de tomar a babosa, e depois de alguns meses, curou-se completamente.

Deste então a família de Joaquim começou a vender e cultivar só babosa e a participar até das atividades de divulgação das propriedades curativas da planta por toda a Itália.

Depois de ter ouvido esta história, cheia de esperança para mim e para meu pai, eu e Silvana decidimos visitar Fondi. Queríamos fazer um vídeo e realizar um tipo de documentário que narrasse a história pessoal de Joaquim e Antonieta e desse a conhecer também as propriedades da babosa.

Descobrir a história de Joaquim foi realmente importante porque motivou-nos a continuar com a nossa terapia alternativa sem perder o ânimo.



CAPÍTULO 7 A REGRESSÃO DO TUMOR

*Não importa quantas vezes caís, mas
sim quantas vezes caís e te levantas.*

Vince Lombardi

7.1 Os surpreendentes resultados dos exames

Novamente chegou o dia em que meu pai devia submeter-se às análises de rotina. Logo me dei conta de que a doutora não conseguia disfarçar a admiração diante dos resultados.

Dos exames de sangue, de fato, resultava que o fígado retomara o funcionamento normal. A oncologista disse-nos, com sinceridade, nunca ter assistido a tal mudança. Falava do fígado de meu pai como o de alguém com vinte anos e reconheceu, com honestidade, não ter à disposição nenhuma tese científica que explicasse aquela melhora.

Diferentemente da doutora, eu, finalmente, recebia a notícia que esperava há tanto tempo.

Não era certo que meu pai estava curado e nós todos não tínhamos, absolutamente, saído daquele estado perene de ansiedade e tensão que, há meses, vivíamos, mas ao menos aquele resultado nos confirmava que estávamos percorrendo o caminho certo.

Na realidade, as análises contribuíram também a dissipar outra dúvida. Se o fígado retomara a função, nós não tínhamos cometido um erro ao cancelar a operação cirúrgica.

De repente me senti mais leve e mais aliviado. Tive a nítida sensação de algo que se dissolvera como a neve ao sol.

Com efeito, desaparecera o peso sufocante da responsabilidade que eu havia assumido quando tinha começado a insistir em evitar a operação.

A doutora disse-nos até em ter a intenção de preparar um relatório sobre a história médica de meu pai. Queria escrever um artigo e enviá-lo a uma revista científica. Disse-nos, entre outras coisas, que os pesquisadores, no campo oncológico, estavam avaliando casos de regressão espontânea, justamente como o de meu pai. Na história das regressões espontâneas foram registrados até àquele momento só oitenta e cinco casos em nível mundial. Meu pai, portanto, oficialmente, havia-se tornado o oitenta e seis.

Em poucas palavras, a oncologista estava levando em consideração a possibilidade que o preparado à base da babosa pudesse ter influenciado na regressão da doença. Tanto é verdade que acrescentou a palavra “babosa” como cal para o referido laudo, justamente junto ao elenco dos remédios prescritos para meu pai.

Eu estava muito contente, porque parecia-me que aquela nova atitude era merecido prêmio para os nossos esforços e para o grande empenho com o qual meu pai havia seguido a terapia à base da babosa.

Junto à palavra “babosa” a doutora não acrescentou a frase “regime alimentar controlado”, o que me teria dado, seguramente, maior prazer. No fundo, porém, estava satisfeito assim mesmo.

Os exames, de qualquer forma, não acabaram e estávamos à espera do resultado da ecografia.

Sentíamo-nos entusiasmados e, devo admitir que a expectativa era grande. Eu tinha a nítida impressão que os resultados seriam bons. Dei-me conta que também meu pai estava muito otimista e, em alguns momentos, me pareceu quase feliz.

Em parte, atribuí o seu ânimo ao alívio pelo desaparecimento das últimas dúvidas com respeito à decisão em ter suspenso a cirurgia.

Na verdade, quando olho para trás com o pensamento naquele preciso momento no consultório da doutora e sinto, de novo, aquela sensação de alívio gerada pelos resultados das análises do sangue, não posso deixar de pensar que a decisão de anular a intervenção cirúrgica tenha sido uma grande jogada.

Honestamente, hoje não me sentiria seguro em aconselhar a ninguém a seguir o nosso caminho. Devo, porém, me explicar melhor. Em toda aquela lufa-lufa na fase de escolha, nunca vacilava, porque me sentia guiado por inabalável certeza interior. Foi justamente aquela instintiva e inexplicável segurança a me pressionar em ir até ao fundo e a decidir seguir as terapias alternativas, sobretudo considerando que, no início, não existia nenhuma possibilidade para seguir terapia tradicional.

Entre uma reflexão e outra, o tempo passou, e chegou o dia da retirada dos resultados da ecografia. A espera pareceu-me maior do que de costume, provavelmente por causa da minha crescente impaciência.

Infelizmente, descobrimos, desanimados, que havia sido constatada nova formação tumoral de tamanho 1,6 centímetros. Esta notícia, realmente, não a desejávamos. As nossas expectativas, tão positivas, tornaram-se, profundamente, frustrantes.

Não obstante o resultado, porém, não nos abatemos. O meu primeiro pensamento foi que, provavelmente, havíamos relaxado, acabando por subestimar o tumor. Decidi, assim, retomar minhas pesquisas.

Logo após o resultado, na realidade, vivemos um compreensível momento de grande desconforto, que não durou muito. A nossa primeira reação foi intensificar o tratamento com a babosa e adotar regime alimentar ainda mais severo.

Não conseguia entender: como era possível análises de sangue tão boas, tendo em vista a nova formação tumoral? Como era possível que o fígado voltasse a funcionar perfeitamente, não obstante a descoberta da formação tumoral?

Realmente, não conseguia entender, mas não queria me deixar vencer pela imprevisibilidade do tumor e voltei à pesquisa sobre a babosa orientado pela equipe médica da Universidade de Pádua.

7.2 As dificuldades da pesquisa científica

Tomei na mão as fotocópias com a pesquisa sobre molécula aloe-emodina (AE) tirada da babosa. Ficara-me impressa a ação tumor-específico da molécula descoberta pelos pesquisadores da Universidade de Pádua, isto é, a sua capacidade de eliminar, seletivamente, as células tumorais.

Lembrei-me, em particular, da questão da patente registrada pela Universidade para a realização de um medicamento antitumoral à base da babosa.

Sabia, por experiência, que obter uma patente (licença) é muito complicado. Eu mesmo tentei obter uma para o sistema de minha invenção, que permitia a reciclagem de águas de descarga do WC. Naquela ocasião, realmente, suei sete camisas para consegui-la.

Nunca teria imaginado que aquela experiência um dia me poderia ser útil para ajudar meu pai. Diferentemente de outras pessoas sem conhecimento sobre assunto, de fato, não teria perdido tempo precioso na tentativa de entender como consultar a licença (patente) sobre a AE, porque sabia, exatamente,

caminhar para aquela repartição. Fiz logo e recebi as cópias da patente(licença) dos pesquisadores de Pádua.

A minha intenção era falar diretamente com os médicos que se ocuparam da pesquisa. Queria entender se existia a possibilidade de utilizar o medicamento à base da aloe-emodina. Não sabia se aquele remédio já existia, mas não excluía nem sequer a possibilidade que meu pai pudesse tomá-lo em fase experimental.

Lembrei-me do meu amigo Pino, do Meetup, de Roma, que se havia transferido, há pouco, para Pádua, onde frequentava a Universidade, e lhe escrevi imediatamente. Não pude deixar de pensar que a existência de um contato justamente em Pádua não seria uma coincidência casual, assim como não o foram as outras coincidências nas quais me havia encontrado quando meu pai tinha adoecido.

Expliquei a Pino a situação e ele me assegurou que contactaria o Professor Modesto Carli, membro da equipe de pesquisa sobre molécula AE. Tinha intenção de escrever-lhe para lhe contar a aventura de meu pai.

O Professor Carli escreveu-nos, e esta foi a resposta que recebi:

Obrigado pela interessante notícia. Infelizmente, houve problemas para o desenvolvimento do medicamento por causa da difícil hidrosolubilidade da molécula na água.

O que sabemos é que, seguramente, a aloe-emodina é de baixa toxicidade aguda, mas não temos informações sobre a toxicidade a longo prazo. Por favor, continue me informando sobre a evolução do caso.

A resposta era bastante genérica e me deixou novamente sem nada poder fazer. Percebi que a transformação da molécula em remédio era processo muito mais complexo do que havia imaginado.

Desde o instante no qual o princípio ativo é isolado àquele no qual é empregado para uso farmacêutico nos seres humanos, há toda uma série de etapas intermediárias. São necessários anos de experiências laboratoriais, e a pesquisa tem necessidade de grandes investimentos para poder prosseguir. É verdade, os estudos sobre molécula chegaram ao ano 2000, mas, evidentemente, doze anos ainda eram muito poucos para obter o medicamento.

Com grande tristeza li ininterruptamente experiências italianas sobre a aloé-emodina. Infelizmente, os pesquisadores foram obrigados a parar as pesquisas por falta de dinheiro.

Aprofundando as vicissitudes da equipe de pesquisadores de Pádua, li uma história que me fez lembrar, pela segunda vez, do Óleo de Lorenzo e do casal Odone.

Depois da interrupção, de fato, a pesquisa sobre molécula AE fora retomada graças à tenacidade de uma mãe. Como no caso de Lourenço, fora o amor de um pai a permitir aos médicos avançar na luta contra tumor.

Corria o ano 2004, e a senhora em questão procurava um tratamento para salvar o filho.

Ao pequeno fora diagnosticado um neuroblastoma, tumor que tem origem nas células do sistema nervoso simpático e que, normalmente, se manifesta, sobretudo, a nível das glândulas supra-renais e das células nervosas presentes do abdômen. Trata-se de uma das formas mais difundidas de tumor pediátrico e é considerada uma das primeiras causas de mortalidade na idade precoce nos países industrializados.

O diagnóstico, portanto, antes de tudo, era grave, mas a mãe do pequeno não queria render-se, e havia seguido o mesmo caminho que eu. Havia-se colocado a procurar on-line, motivada pelo desejo de salvar o filho, no qual sobre ele caíra diagnóstico semelhante, sem esperança, àquele de meu pai.

A pobre mãe havia peneirado os artigos sobre pesquisas médico-científicas baseados no tipo de tumor de sua criança, e, ao final, chegara à molécula AE. A aloé-emodina, de fato, é muito eficaz na destruição seletiva justamente das células tumorais responsáveis pela neuroblastoma.

A mãe tinha, assim, contactado a doutora Teresa Pecere, um dos médicos da equipe de pesquisa de Pádua, e se comprometeu a conseguir os fundos (dinheiro) necessários para retomar os experimentos.

Graças à persistência daquela mãe, os estudos sobre aloé-emodina foram retomados no ano 2006 com dois novos experimentos: um junto ao Instituto de Pesquisas Farmacológicas, Mario Negri, de Milão, e outro junto a Policlínica Universitária Gemelli, de Roma.

Infelizmente a história daquela mãe não teve um final feliz imediato. A sua iniciativa afinal não fora suficiente para acelerar o iter da pesquisa, e o remédio não existia ainda. Não obstante a ausência do remédio, que poderia ter sido útil também para meu pai, era animador saber que médicos e doentes lutavam lado a lado para encontrar o tratamento. Era confortante ler aqueles testemunhos de parentes e doentes que não tinham se dado por vencidos, conseguindo assim a dar uma contribuição à ciência e ajudar outras pessoas atingidas pelo câncer.

Tinha descoberto, entre outras coisas, que a patente para derivados hidrossolúveis da molécula AE não fora concedido só na Europa, mas também no Canadá, nos Estados Unidos, no Japão e na Austrália. A ciência, portanto, se mexia e não posso senão estar confiante às terapias futuras. Eu, de minha parte, devia continuar a seguir o exemplo do casal Odone e da mãe responsável pela nova etapa de pesquisas italianas sobre AE.

Neste meio tempo, porém a preocupação pela situação de meu pai aumentava.

7.3 Os resultados contrastantes dos exames

Enfrentávamos um período muito intenso. Além da descoberta da nova formação tumoral, encontramos-nos com uma prescrição de exames anteriores para acrescentar a TAC. A oncologista, de fato, nos disse querer efetuar uma colonoscopia, porque, pelos exames, resultavam ainda em perdas anormais de sangue, e ela preferia aprofundar.

Comecei a desconfiar.

Temia que o tumor pudesse ter atingido também o cólon, possibilidade que nunca fora descartada.

Chegou o dia da colonoscopia e, em seguida, o dia dos resultados. Estávamos muito tensos, mas os médicos nos deram uma boa notícia. Durante a colonoscopia encontraram um pólipó, que parecia ser a causa das perdas hemáticas e logo providenciaram removê-lo. Suspiramos aliviados. Temíamos o pior e, felizmente, os nossos temores não aconteceram.

No entanto, entre um e outro exame, entre um e outro resultado, havia-se passado um verão todo e, realmente fora uma conquista extraordinária. Segundo o diagnóstico inicial, de fato, meu pai não teria nem mesmo superado o verão anterior e, ao invés, não só passara o verão de 2011, mas também o de 2012.

Infelizmente, porém, a nossa alegria estava redimensionada aos resultados da ecografia, que evidenciara a nova formação tumoral de 1,6 centímetros e que nos tinha deixado o amargo na boca.

Eu me dizia que devíamos ser otimistas e devíamos continuar a manter atitude positiva. Para dizer a verdade, meu pai

nunca perdeu o seu otimismo e estava sendo exemplo para todos nós.

Naquele instante, me disse que esta sua atitude podia ter sido causada pelos bons resultados obtidos até agora. Ele vivia a sua condição dia-a-dia, gozando cada momento, e não ficava sempre a remoer os resultados dos exames, como eu fazia.

Infelizmente não conseguia deixar de pensar naquela nova formação, embora tentasse esconder-lha e de não fazê-lo compreender quais eram meus verdadeiros pensamentos no momento.

Chegou o mês de setembro de 2012 e chegou também o dia da TAC. Meu pai se submeteu ao exame e o resultado superou toda a nossa rósea expectativa. A oncologista anunciou-nos uma redução de outros 3 milímetros da formação tumoral. Ela própria abriu um grande sorriso enquanto partilhava os resultados.

Aquela ulterior redução era a notícia que queríamos, porque fez desaparecer todas as paranoias em menos de um segundo e nos reanimou de todo. Meu pai sorria e a tensão inicial, que pesara no clima do consultório médico, desapareceu. Todos trocávamos olhares de grande satisfação.

Após a alegria inicial, não consegui calar e pedi informações obre aquela nova formação tumoral que aparecera na ecografia. A doutora me respondeu que, pela TAC, não se via nada. Fiquei pasmo. Não entendi como existia aquela diferença tão macroscópica entre os resultados da ecografia e os da TAC.

A oncologista explicou-me que não é possível confrontar os dois métodos de exame. Visto que a TAC é, de qualquer forma, um exame mais preciso com respeito à ecografia, pensei que a redução fosse bom sinal. Naquele momento, bastava-me aquela simples conclusão, sem ulteriores aprofundamentos.

Voltando para casa, porém, continuei a pesquisa. O pensamento daquela nova formação me obcecava e desejava alguma certeza a mais: existia ou não? Meu pai poderia se submeter a uma nova TAC, o que permitiria excluir totalmente a existência daquela formação?

Ao mesmo tempo, porém, levei em conta outra consideração. As TAC não são exames de diagnósticos pouco invasivos e eu queria encontrar alternativa para fazer outros exames, sem minar a saúde tão precária do meu pai.

A verdade era que aquela simples conclusão a que chegara no consultório médico não me bastava: queria ter a certeza que a nova formação tumoral não existia.

7.3.1 O bioscanner

Pesquisando sobre TAC, descobri um novo instrumento, revolucionário, denominado bioscanner. Trata-se de sonda portátil semelhante a um tubo que emite sinais eletromagnéticos de fraca intensidade e, conseqüentemente, menos invasivos do que as radiações da TAC. A sonda consegue revelar a presença de tecido ou de órgão em estado de alteração biológica e assinalar a anomalia.

O bioscanner individua a presença de formações tumorais e, diferente de outros instrumentos de diagnóstico, é realmente veloz e pouco invasivo. O médico utiliza a sonda sem fazê-la entrar em contato direto com o corpo do paciente, que não deve nem mesmo se desvestir para o exame. Bastam, apenas, poucos minutos para que o bioscanner conclua o seu exame e forneça resultados.

Esta invenção é devida ao professor Clarbruno Vedrucio, italiano, laureado em Física nos Estados Unidos, que publicou o seu dispositivo diagnóstico em 1992.

Na realidade, o Professor Vedruccio se ocupa de radio-comunicações e eletromagnetismo para a Marinha Italiana, que reconheceu a sua grande habilidade técnica conferindo-lhe o título de Capitão de Fragata. Além disso, a Marinha concedeu o título de Capitão, valendo-se de lei especial, usada pela primeira vez, para conferir uma comenda ao Prêmio Nobel da Física a Guglielmo Marconi.

A própria história do bioscanner tem muita relação com o Exército. O professor, de fato, trabalhava num detector de minas contra humanos quando teve a ideia da sonda diagnóstica. Naquela época, infelizmente, sofria de uma forte gastrite e percebeu que a sua proximidade a uma sonda provocava uma queda de sinal das ondas de rádio em alta frequência. O professor deduziu, imediatamente, que o seu estado de saúde podia ter influenciado na sonda e daquela simples observação, quase casual, surgiu a ideia que deu vida ao bioscanner.

O invento foi patenteado no ano 1995 e incluído no elenco dos aparelhos utilizados pela assim chamada Medicina alternativa. A produção do bioscanner, porém, foi iniciada alguns anos após a sua invenção precisamente no ano 2003, graças à sociedade de eletrônica de defesa Galileu Aviônica.

Continuando com as minhas pesquisas, descobri que este aparelho custa menos do que o aparelho para a TAC e, atualmente, está em uso junto a uma série de estruturas hospitalares e de ambulatórios particulares. No site oficial, encontrei uma secção com o conjunto das estruturas aparelhadas de bioscanner, conhecido também pelo nome técnico de TRIMprob.

Entusiasmei-me logo e destaquei em Roma dois conjuntos de hospitais junto aos quais era possível efetuar este exame não invasivo. Tratava-se do Hospital Santo André e da Policlínica Humberto I.

Decidimos endereçarmo-nos ao Santo André e descobrimos que bastava simples receita médica para solicitar o exame. Descobrimos, porém, que o exame era previsto só para a próstata.

Foi uma pequena desilusão, mas meu pai decidiu, mesmo assim, submeter-se ao bioscanner com objetivo de prevenção.

Aprovei a sua decisão, porque, sinceramente, me agradava muito a nova atitude tão aberta que assumira após a terapia com a babosa do Padre Romano Zago.

Marcamos um encontro e fomos ao Santo André. Infelizmente, surgiu logo um pequeno problema devido ao marca-passo de meu pai. Os médicos nos explicaram que não existiam contraindicações, mas nos desaconselharam, de qualquer forma, a efetuar o exame por questão de segurança.

Na realidade, ainda não existiam pesquisas sobre reações ao bioscanner por parte de pacientes portadores de marca-passo. Durante o exame, cria-se um pequeno campo magnético e o marca-passo poderia influir ou alterar o resultado.

Nesta altura, não tínhamos outra alternativa: devíamos nos contentar com a TAC sem realizar outros exames.

No fundo, os resultados, de qualquer forma, eram favoráveis, visto que a TAC não evidenciara aquela nova formação tumoral levantada pela ecografia. Tudo por tudo, voltamos para casa animados.

7.4 Uma recuperação inesperada

Os dias foram passando e todos nós acabamos por nos relaxar um pouco. Não é fácil manter a atenção por período tão longo. Acredito que, no fundo, seja totalmente natural experimentar momentos de desânimo, também porque é difícil e pouco saudável manter um constante estado de tensão.

Posteriormente, porém, não posso não julgar aquele momento de relaxamento como erro muito grave, porque, em todo aquele andamento já havia acontecido este mesmo processo. Não só, mas havíamos também já constatado como a diminuição do nível de atenção levava a resultados negativos.

Tive a prova palpável do erro cometido; imediatamente intervieram dores insuportáveis. Foi então que me dei conta de ter negligenciado a ingestão regular do remédio à base da balsa e de não ter seguido, ao pé da letra, o seu novo regime alimentar. Confessou-me de se ter sentido melhor e ter decidido desacelerar um pouco. Numa palavra, a parada e o otimismo, alimentados pelos resultados encorajadores dos últimos exames prevaleceram sobre a perseverança e sobre a determinação de seguir a nossa terapia alternativa.

Estava assustado. Mais uma vez considerei bom tudo aquilo que meu pai me dizia, menosprezando a sua capacidade de me ocultar a verdade. Confiara cegamente nela, embora devesse ficar mais atento e continuar a controlá-lo cada dia.

Sentia que, dentro de mim, se formava uma estrada com um sutil sentido de culpa. No entanto, a situação estava por se tornar ainda mais difícil e bagunçada.

No hospital, meu pai foi submetido a nova ecografia, que evidenciou o crescimento de uma das formações tumorais. Retomando a ecografia anterior, aquele resultado me causou total surpresa e me lançou numa grande confusão.

Vistos os resultados, os médicos decidiram antecipar a TAC. Novamente confiei na TAC, justamente eu que procurei alternativa do bioscanner para evitar a meu pai aquele milésimo exame invasivo: devíamos recomeçar a ficar muito mais atentos.

Na verdade, realmente, não era fácil gerenciar aquela situação, tão complicada sob o ponto de vista tanto físico como

psicológico. As dificuldades eram enormes também pelo fato de que a nossa luta contra a doença já durava vários meses.

Eu, pessoalmente, estava exausto e me perguntava, se após os últimos acontecimentos, meu pai ainda teria a força necessária para seguir a dieta e para tomar, com regularidade o remédio à base da babosa.

Decidi enfrentar a questão com franqueza, falando diretamente com ele. Perguntei-lhe se ainda tinha vontade de lutar, porque eu não sabia mais o que pensar. Parecia-me absurdo que, uma vez encontrado o caminho certo a percorrer para sair, a sua vontade se revelasse tão flutuante.

Falei-lhe porque queria realmente entender se tinha mais ou menos vontade de viver, se lhe restava ainda aquela energia com a qual o vi combater no início. Enquanto falava e lhe exprimia estas minhas perplexidades, ele continuava a me fixar com o olhar que me parecia querer falar: “mas por que me pergunta? Então não me conhece?”.

Garantiu-me seu desejo de lutar e, daquele momento em diante, notei nele uma renovada determinação. Não saberia dizer se a sua reação resultara do medo; o certo é que a sua atitude me atingiu muito e me deu também a força para reagir.

Tínhamos à disposição ainda um pouco de tempo antes da TAC e esta vez devíamos absolutamente agir com precisão ainda maior.

Coloquei-me, de novo, a procurar, na convicção que devíamos entender se existia ou não margens de melhora ou se existiam fatores ambientais, internos e externos, que contribuíam à renovada progressão do tumor.

Retomamos a alimentação, porque havíamos entendido que podia influenciar a doença. Devíamos aumentar as suas defesas imunológicas, de tal forma que o organismo tivesse todos os instrumentos certos para reagir à doença.

Na realidade, o fator psicológico continuava a ser fundamental, visto que fora a causa da última internação. Devíamos alimentar a vontade de viver e de reagir do meu pai, e devíamos apoiarmo-nos um ao outro e manter o moral alto de todos para poder derrotar o tumor. Decidi não negligenciar nem este aspecto e monitorar o humor e o impulso emocional do meu pai.

Refletindo sobre o caminho percorrido até aquele momento, me dei conta de como, em todo aquele lapso de tempo, amadureci as convicções que estavam guiando as nossas escolhas. A experiência da luta contra o câncer me ensinara que o nosso organismo reúne todas as capacidades para sobreviver e dispõe também de todos os instrumentos para combater e derrotar a doença. Foram justamente estas certezas que contribuíram para alimentar a minha confiança.

Depois da má notícia do renovado crescimento do tumor, parei-me a refletir sobre a própria definição de doença.

Aprendera que a doença é um estado de alteração do organismo, que provoca o mau funcionamento. Por alteração, entende-se uma condição de ausência de equilíbrio, desencadeada por fatores diversos. Esta definição me fez pensar imediatamente na falta ou no excesso de substâncias como o ferro. A minha conexão mental foi assim imediata, porque meu pai sempre tinha sofrido de certa carência daquele mineral. Talvez o organismo usasse este elemento para combater o mal? Portanto, seria um elemento importante na nossa luta?

Todos aqueles pensamentos me induziram a perguntar se não teria outras carências para preencher, que contribuíam para alterar ainda mais os equilíbrios no todo do seu organismo. Decidimos assim realizar um mineralograma. Trata-se de uma análise efetuada nos cabelos. É preciso levar ao laboratório uma mexa de cabelos lavados não mais de vinte horas

antes do teste. Os cabelos, também, devem estar enxutos e com tamanho de cerca e 3/3,5 centímetros.

Os cabelos, inicialmente, são cortados em pequenos pedaços e em seguida são imersos numa solução ácida para retirar a queratina. Por fim, são submetidos a um processo de reidratação e a uma fase de aquecimento em temperaturas muito altas, variando de oito mil aos dez mil graus. Todo este processo serve para evidenciar a insuficiência ou o excesso de minerais como o potássio, sódio, zinco, fósforo, magnésio ferro, cálcio e assim por diante.

O desequilíbrio destes elementos provoca diversas patologias. A carência de cálcio, por exemplo, pode causar cáries, osteoporose e reumatismos, enquanto que a escassez de ferro pode provocar anemia.

Os resultados do mineralograma de meu pai não evidenciaram a presença de minerais tóxicos em excesso. Na realidade, havia carência de ferro, o que não me admirou. No relatório do exame, também, se aconselhava prestar particular atenção aos níveis de flúor, manganês, silício e enxofre.

Mais. O mineralograma evidenciara uma carência de vitaminas A, B2, D e H-Biotina e carência dos seguintes aminoácidos: fenilalanina, istidina, leucina, metionina e triptofano.

Enfim, sempre segundo o relatório, devíamos prestar atenção à cisteína, um aminoácido não essencial presente nos alimentos como a carne, o ovo, os cereais e os laticínios.

No que dizia respeito aos hormônios, ao invés, foram encontrados alguns níveis abaixo do normal, mas nada de preocupante.

Os resultados do mineralograma deram-nos a possibilidade de escolher, com maior precisão, os alimentos para a dieta de meu pai, de modo a conseguir o correto equilíbrio entre minerais e aminoácidos.

Decidimos, de fato, aumentar fruta e verdura, sobretudo crua, e incluir também a fruta exótica, porque rica em antioxidantes úteis a restaurar os radicais livres e a sanar o desequilíbrio produzido pelo stress oxidativo.

Resolvemos também instalar um depurador de água, como última precaução, embora meu pai houvesse reduzido a quantidade de água que bebia diariamente. Preferia beber, sobretudo, sucos de fruta e verdura.

7.5 Tumor necrosado

Os médicos nos comunicaram, finalmente, que a nova TAC seria efetuada no dia 12 de janeiro de 2013. Aquela data era importante não só para o exame, mas também porque recordava como meu pai conseguiu enfrentar o diagnóstico inicial. Passara, de fato, mais de um ano e meio desde o momento em que os médicos o haviam dado como caso sem esperança, para o qual não existiam terapias adequadas.

Submeteu-se a TAC e, após alguns dias, os médicos nos chamaram para comunicar os resultados. Não sabíamos o que nos esperava. Eu tinha uma única certeza: estava seguro que, diante de resultado negativo, não saberia mais o que fazer. Os médicos iniciaram logo dizendo que a situação era muito complexa, porque nunca se haviam encontrado diante de um quadro clínico como o de meu pai.

Na prática, comunicaram-nos que uma das formações tumorais pequenas estava se ampliando.

O mundo desmoronou sobre nós, pela segunda vez. Aquele resultado pareceu-nos tão injusto, sobretudo após todos aqueles meses passados lutando e empenhando-nos.

A oncologista, porém, não nos deu tempo para assimilar o golpe, porque nos pegou no contrapé declarando que a formação maior já se havia necrosado.

Senti um choque elétrico me atravessar o corpo e pedi à doutora que explicasse melhor. Ela disse-nos que a massa tumoral maior estava praticamente morta. Continuávamos a repetir, incrédulos, a palavra “morta” e a oncologista quase foi obrigada a esclarecer ainda melhor o conceito, acrescentando que a formação tumoral não mais era um perigo para meu pai.

Abri os olhos e insisti para ter ulteriores explicações. A doutora explicou-nos estar admirada, ela mesma, do que via, mas os resultados da TAC eram claros. Acrescentou, porém, que a necrose do tumor principal não devia permitir que relaxássemos por causa daquela formação menor em fase de crescimento.

Não escutei nem mesmo as últimas palavras da oncologista. Estava, literalmente, transtornado pelo meu entusiasmo e o do meu pai. Estávamos tão eufóricos que ele gritou um “Viva!” seguido imediatamente pelo meu “Daje”.

Em seguida meu pai pronunciou uma frase que todos lembraremos para sempre: “Agora posso dizê-lo: renasci pela terceira vez”.

Após o gravíssimo acidente do qual havia, por milagre, escapado no dia da minha Primeira Comunhão, ainda uma vez meu pai sentia ter vencido o seu pessoal desafio com a morte.

Ria de satisfação e eu junto com ele. Descarregara-nos de uma pedra muito pesada e nos abraçamos.

Com a babosa e a alimentação derrotamos uma formação tumoral de 9,5 centímetros.

Aquele dia de janeiro de 2013 tornou-se, para nós, uma data para nunca mais ser esquecida, porque, naquele momento os médicos confirmaram que um homem dado como excluído havia conseguido matar o tumor de que era portador.

Por certo a luta não havia acabado, vista a presença da formação tumoral em crescimento. Nós, porém, estávamos

muito contentes, porque aqueles resultados eram a demonstração que, mudando o estilo de vida, é possível derrotar o tumor. A vontade de não se deixar render funcionou, não obstante todos os nossos altos e baixos.

Daquele momento em diante adquirimos uma nova consciência que tínhamos a intenção de conservar como arma motivacional para o novo caminho que nos esperava: estávamos em condições de derrotar a doença.

No entanto, os médicos continuavam a nos dizer que a situação era muito anormal e que eles nunca tinham visto um tumor comportar-se daquela maneira.

No final, a história da regressão do tumor no fígado de meu pai tornou-se um artigo científico, publicado em 2014, nas revistas internacionais de medicina.

O artigo traz a assinatura da equipe de gastroenterologia do Hospital São Felipe Neri, de Roma, e pode ser consultado no site PubMed e inicia assim:

“Descrevemos o caso de um homem de sessenta e cinco anos caucasiano com uma história de steatoepatite não alcoólica (NASH). Chegou à nossa unidade gastroenterológica em março de 2011 com suspeita de carcinoma hepatocelular com base aos resultados da tomografia computadorizada (TC). Uma TAC realizada em nosso instituto, em abril de 2011, mostrou um HCC multifocal caracterizado por uma lesão principal, situada no segmento VI, de cerca de 9,5 cm.

Apesar das evidências dos dados clínicos, os médicos, contudo, continuaram a destacar as suas perplexidades diante do caso de meu pai, preferindo dar ao artigo um título que é uma pergunta aberta: *Um caso de carcinoma hepatocelular: regressão espontânea? (A case of hepatocelular carcinoma: spontaneous regression?)*.



CONCLUSÃO

Um vencedor é simplesmente um sonhador que nunca se entregou.
Nelson Mandela

O caminho empreendido com meu pai me ensinou muitas coisas. Da experiência vivida juntos, aprendemos, antes de tudo, a nossa pessoal “terapia alternativa” para a luta contra o tumor.

Depois de transcorridos meses combatendo contra o seu câncer no fígado, conscientizei-me que todo o caminho fora dominado por três elementos-chave.

Enumero-os na ordem de importância que lhes atribuí:

- Vontade de lutar;
- Controle diário do regime alimentar;
- Ingestão diária da babosa conforme o remédio do Padre Romano Zago.

Sem a vontade de lutar, o nosso organismo não poderia reagir e defender-se. O câncer se nutre do humor do doente e encontra poderoso aliado na depressão e no desânimo.

Para poder pensar em derrotar a doença é muito importante manter sempre alto o humor do paciente e dos familiares que cuidam dele. Ao contrário, é muito perigoso deixar-se levar pelo desconforto. Se o doente está apto a ativar uma primeira reação em nível psicológico, as suas defesas imunológicas reagirão junto com ele.

O segundo aliado na luta é, sem dúvida, a alimentação. Pude constatar eu mesmo de como alguns alimentos contribuem para piorar uma situação clínica já comprometida.

Já estou firmemente convencido que o câncer é combatido mudando, imediatamente, hábitos alimentares. Na realidade, não seria necessário esperar um diagnóstico de tumor para comer, de forma mais atenta, mas se deveria começar a melhorar o próprio regime alimentar quando saudáveis.

A mudança, também, não deve ser flutuante, mas deve atuar com constância, dia após dia. Só deste modo o organismo se purifica, torna-se mais forte e se engajava na sua luta contra o mal. Se conseguirmos criar ambiente interno saudável, será, com certeza, mais difícil para o tumor encontrar terreno fértil que lhe permite criar raízes, crescer e expandir-se.

Enfim, a babosa. Coloco-a no terceiro lugar porque acredito que somente essa, se não amparada pelos primeiros dois elementos, não teria a mesma eficácia. Essa, de fato, pode mostrar-se uma arma vencedora se encontrar ambiente livre de toxinas. Serve por isso para otimizar o funcionamento dos primeiros dois elementos e facilita a luta contra a doença.

Estes são os conhecimentos importantes que tirei da nossa batalha e os considero um pouco como o resultado de uma experiência familiar de medicina alternativa. São, para mim, conhecimentos para guardar com cuidado e partilhar com os outros, para que possam servir como um tesouro.

A vontade de lutar, a alimentação e a babosa não bastam. Quando se entra na luta contra uma doença como o tumor, acaba-se por sucumbir em momentos de fraqueza e de cansaço, durante os quais verifica-se uma diminuição fisiológica da atenção.

Há, porém, um antídoto a estes momentos, que atingiram mais vezes também a mim, a meu pai e à minha família.

Este antídoto é a perseverança que, seguramente, poderia ser descrito como quarto elemento da nossa terapia anticâncer. A perseverança, de fato, ajuda a recomeçar, após um passo em falso, e te dá a força para tomar novamente em mão as rédeas da luta.

Estou perfeitamente consciente do fato de que esta “terapia alternativa” poderia não funcionar com outros doentes. Cada ser humano é diferente do outro e reage de maneira diferente à doença.

Porém, estou firmemente convencido de uma realidade: Nunca entregar os pontos, porque todos os seres humanos têm as capacidades de trabalhar a própria cura. Não se pode ceder nem mesmo quando o caminho é acidentado e o êxito é decididamente incerto porque, ao longo do caminho, descobrem-se as potencialidades de autocura de nosso corpo e se encontram instrumentos para reagir até então desconhecidos.

Em nossa mente e em nosso próprio DNA existem mecanismos que ainda não conhecemos.

Eu mesmo nunca pensei que teria passado todos estes anos daquele dia fatal no qual nos comunicaram um diagnóstico de tumor que, na realidade, era um diagnóstico de morte. Daquele dia até hoje transcorreram-se oito anos e por sorte o prognóstico não se realizou. Todos nós festejamos os setenta e dois anos de meu pai e gostaria de festejar também os setenta e três.

Escrevi este livro para ele e para todas aquelas pessoas que se encontram em idêntica difícil situação, na esperança de que a nossa experiência possa ajudá-las.

Chegado a este momento, sinto ter que agradecer também à equipe médica que acompanhou meu pai e que decidiu narrar o seu caso, escrevendo um artigo que, gostaria, pudesse

servir de dica para outros médicos às voltas com regressões tumorais.

Desejo agradecer-lhes porque não nos abandonaram, não obstante a nossa opção por uma terapia alternativa. Na realidade, quero agradecer-lhe, também porque, no início, avaliaram o problema sob um ponto de vista ético. Esta sua atitude fez com que não se pronunciassem a favor de uma persistência terapêutica, que poderia ter sido contraproducente para meu pai.

Paradoxalmente, a sua escolha ética permitiu-nos percorrer um caminho que, de outra forma, nunca teríamos procurado e que se revelou tão eficaz para derrotar o tumor do meu pai.

Quero dedicar um último pensamento a todas as pessoas que lutam para ainda se manter em pé.

LUTAR

De Alessio Zagni

*Algumas vezes a vida é como um confronto de pugilato.
É uma luta dura e extenuante,
os adversários são os adversários da vida, os sentimentos,
algumas vezes também as pessoas.
Retirar a esponja não serve para nada,
apertai os dentes e lutai.
Lutai com todas as vossas energias.
Alguns golpes podem atordoar,
anuviar a vista, fazer cair na escuridão.
Sacudi a cabeça!
Continuai a apertar os dentes e a lutar
porque não existem atalhos,
não existem métodos mais “velozes”.
É preciso lutar.
Não deveis parar pela dor.
Se caís, paciência,
mas erguei-vos antes dos dez.
Erguei-vos antes que aquele destino adverso possa tomar
conta de vós.
Erguei-vos.
Fazei-o por vós.
Fazei-o pelas pessoas que ACREDITAM em vós e vos amam.
Sair ileso de um mau período
é como sair vencedor do ringue.*

RENASCIDO PELA TERCEIRA VEZ

O que farias, se teu pai descobrisse ter um tumor no fígado e os médicos te dissessem que não há mais o que fazer?

Em 2011 Paulo Fabrizio e seu pai Antônio se encontram exatamente nesta situação, com um diagnóstico que não deixa escapatória e sem nenhuma proposta terapêutica da parte dos médicos.

A medicina oficial não tem mais armas para enfrentar o grave quadro clínico do seu pai, mas Paulo não se entrega, e procura outros caminhos. Descobre assim o mundo desconhecido das terapias alternativas e a cura à base da babosa, difundida pelo missionário Padre Romano Zago. Depois continua nas suas pesquisas e entende imediatamente que a luta contra o câncer deve ser uma luta integrada, uma batalha na qual as terapias farmacológicas estão lado a lado e sustentadas por um estilo de vida sadio, com o objetivo de criar no organismo ambiente desfavorável para o crescimento do tumor.

Paulo Farizi narra, nestas páginas, o caminho lento e sofrido feito com seu pai na luta contra o câncer, da esperança da primeira melhora ao desconforto das recaídas, até à distorção do diagnóstico inicial e a confirmação de uma regressão tumoral que espanta os próprios médicos.

Renascido pela terceira vez, portanto, é a narrativa de uma cura que se propõe tornar-se um encorajamento para todos quantos não sabem como enfrentar a doença, é o exemplo concreto de uma luta entre o câncer e o desejo de lutar para não morrer, luta entre o mal e a vontade de viver.

PAULO FARIZI nasceu e vive em Roma. Formou-se em mecanismo para a recuperação das águas poluídas. A necessidade de narrar o extraordinário percurso de seu pai na luta contra o câncer obrigou-o a superar a instintiva prudência e a basear-se na escrita. *Renascido pela Terceira Vez* é seu primeiro livro.

ISBN: 978-65-88060-05-6

